



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**

ELISÂNGELA DE LIMA EURICO DE PAULA

**MEMÓRIA E IDENTIDADES HAITIANAS EM DISCURSOS DE MULHERES
RETERRITORIALIZADAS EM PORTO VELHO/RO**

Porto Velho, RO.

2018

ELISÂNGELA DE LIMA EURICO DE PAULA

**MEMÓRIA E IDENTIDADES HAITIANAS EM DISCURSOS DE MULHERES
RETERRITORIALIZADAS EM PORTO VELHO/RO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Federal de Rondônia, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientadora Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba.

Porto Velho, RO.

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Fundação Universidade Federal de Rondônia

Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

P324m Paula, Elisângela de Lima Eurico de .

Memória e identidades haitianas em discursos de mulheres reterritorializadas em Porto Velho/RO / Elisângela de Lima Eurico de Paula. -- Porto Velho, RO, 2018.

81 f. : il.

Orientador(a): Prof. PhD Marília Lima Pimentel Cotinguiba

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Mulher haitiana. 2.Memória. 3.Identidade. 4.Pertencimento. I. Cotinguiba, Marília Lima Pimentel. II. Título.

CDU 81(811.1)

Bibliotecário(a) Ozelina do Carmo de Carvalho

CRB 11/486

TERMO DE APROVAÇÃO

ELISÂNGELA DE LIMA EURICO DE PAULA

MEMÓRIAS E IDENTIDADES HAITIANAS EM DISCURSOS DE MULHERES RETERRITORIALIZADAS EM PORTO VELHO/RO

Dissertação julgada suficiente como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras, pelo curso de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Acadêmico em Letras, e aprovada, em sua forma final, pela banca examinadora, aos 23 dias do mês de novembro do ano de 2018.

BANCA EXAMINADORA



**Orientadora: Profa. Dra. Marília Lima Pimentel
Cotinguiba
Presidente da banca
Fundação Universidade Federal de Rondônia**

**Profa. Dra. Auxiliadora dos Santos Pinto
Membro Externo
Fundação Universidade Federal de
Rondônia**

**Profa. Dra. Nair Ferreira Gurgel do Amaral
Membro Interno
Fundação Universidade Federal de
Rondônia**

**Profa. Dra. Sonia Maria Gomes Sampaio
Membro Suplente
Fundação Universidade Federal de Rondônia**

Porto Velho, 23 de novembro de 2018

Dedico este trabalho aos meus amados filhos: Marcia Eduarda e Eduardo Victor por ser o motivo de eu sempre querer buscar mais. Sem eles nada valeria à pena.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não seria possível sem a colaboração de algumas pessoas, as quais desejo expressar meus sinceros agradecimentos.

A Deus por ter me dado força, pela proteção, por sua infinita bondade e por ter me conduzido até aqui.

Ao meu esposo, Marcio Braz de Paula, por todo apoio, paciência e, principalmente, por todo amor.

À minha querida orientadora Dra Marília Lima Pimentel Cotinguiba por toda a paciência, amizade, por todos os ensinamentos e por acreditar em mim desde a graduação.

Ao professor Me. Geraldo Castro Cotinguiba por todos os ensinamentos, não somente teóricos, mas ensinamentos para a vida durante a graduação e durante o Mestrado.

À minha querida mãe Ester pelas orações, pelos cuidados com os meus filhos e por todo seu amor. Sei o quanto tem pedido a Deus para que eu conseguisse realizar os meus sonhos.

Aos meus queridos sogros Horizontina e Gervásio pelas orações, por toda a ajuda com os netos, por todo carinho a mim dirigido.

Aos meus professores do Mestrado: Dra.Nair Ferreira Gurgel do Amaral, Dr. Valdir Vegini, Dra. Sônia Sampaio, Dr. Miguel Nenevé, Dra. Natália Cristine Prado, Dra. Odete Burgeile pelas excelentes contribuições teóricas.

Ao amigo Tiago José Freitas Batista pelas boas risadas durante nossas aulas e por todas as palavras de incentivo, de carinho e por compartilhar seus conhecimentos.

Aos amigos: Patrícia da Silva e Alan Prazeres por tornar nosso estágio um momento não somente de aprendizado, mas também de muitas alegrias. Obrigada pelos bons momentos. Momentos esses que guardarei com muito carinho por toda minha existência.

A todos os meus colegas de Mestrado que de alguma forma contribuíram para a minha formação.

À minha grande amiga Meire Jane Mendonça Brito pela amizade, compreensão e por fazer parte da minha vida não somente nos momentos bons, mas em tempos difíceis também. Obrigada por ter sido minha grande parceira nos

trabalhos do Mestrado. Sou grata por todas as vezes que pensei em desistir e ela sempre me dizia palavras de incentivo. Amizade que quero levar por toda minha vida.

À Lorena Medrado por se dispor a colaborar com suas palestras na área da saúde para as imigrantes haitianas. Minha eterna gratidão pela parceria em minha pesquisa.

À minha querida amiga Gerlane Fernanda, gratidão por sua amizade e por todo apoio, amor e carinho que tem me dado ao longo desses quase vinte anos de amizade. Obrigada pela excelente contribuição com sua narrativa para construção de um artigo em uma das disciplinas do Mestrado e por tudo o que tem feito por mim.

Muito obrigada a todos os alunos haitianos pelo carinho e respeito, em especial aos amigos: Valner Dieudus, Dieugrand Phillippe e Veronica Batista Exantus pelas traduções de algumas palavras em *Kreyòl Aysyen*, pelas traduções de alguns textos e por todo carinho.

A todas as mulheres haitianas pela confiança a mim depositada, por aceitarem de bom grado a colaborar com a minha pesquisa. Sem a ajuda delas, isso não seria possível.

A todos os professores do projeto de pesquisa MIMCAB: Pâmela, Gabriel, Mirla, Maquézia, Wender, Camila e professor Me. Pedro. Sou grata por todas as vezes que precisei do apoio deles nas atividades para realizar minha pesquisa, eles sempre me ajudaram sem nenhuma objeção.

A todas as coordenadoras que tive e que tenho: kellen Roberta, Fabiana Costa, Luciene Pereira e Ana Célia por todo apoio nos momentos em que precisei ausentar-me do colégio em função de trabalhos do Mestrado.

A toda a minha família e amigos que de forma direta ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse ao final desse trabalho.

À CAPES, pelo incentivo financeiro durante a realização da pesquisa.

*“Existem em mim, milhares de mulheres
Sou um monte de pensamentos
Sou cor e luz
Sou Clara e estou aqui, mas também
Sou Negra como a noite e brilho como as
estrelas
Sou riso e sofrimento
Sou problema e solução
Sou uma águia em busca de voos altos,
Não me ensinaram a voar, não me
deixaram arriscar
Mas eu me arrisco, e em cada tentativa
novas asas, novos ângulos
novas perspectivas, nova eu se une a
mim.”*

(Autoria desconhecida)

*“A lembrança é a sobrevivência do
passado”.*

(BOSI, 1979. p.15)

*“Uma lembrança é diamante bruto que
precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o
trabalho da reflexão e da localização,
seria uma imagem fugidia. O sentimento
também precisa acompanhá-la para que
ela não seja uma repetição do estado
antigo, mas uma reaparição”.*

(BOSI, 1979. p. 39)

RESUMO

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa iniciada em 2017 no âmbito do projeto “Migração Internacional na Amazônia brasileira: linguagem e inserção social de Haitianos em Porto Velho” e tem como objetivo analisar elementos da memória e da identidade haitiana por meio dos discursos de mulheres haitianas. Especificamente buscamos: a) levantar aspectos da cultura do Haiti; b) verificar quais os elementos de pertencimento ao Haiti que essas mulheres têm; c) verificar elementos identitários nas lembranças sobre o Haiti nos discursos dessas mulheres. Os principais referenciais que fundamentaram nossa pesquisa foram os estudos sobre memória, identidade e pertencimento e estudos sobre a imigração haitiana. Os estudos norteadores que mais contribuíram para nosso trabalho sobre memória são os escritos de Pollak (1992) e Magalhães (2005). Sobre identidade e pertencimento, trabalharemos com as contribuições de Hall (2014), Bauman (2005) e Amaral (2012). A respeito da imigração haitiana, as contribuições de Cotinguiba (2014), Samora (2015) e Handerson (2015) foram essenciais para a nossa base de consultas. Nossa investigação se realizou por meio de uma pesquisa de campo, com observação participativa, tendo como locus a cidade de Porto Velho, no Estado de Rondônia. A pesquisa demonstra aspectos conclusivos quando aponta que as haitianas em contato com a cultura brasileira estão interagindo com as práticas sociais locais, com as tradições linguísticas da cidade, hibridizando suas identidades com a sociedade e também intercambiando estruturas produtivas entre o lugar reterritorializado e o pertencido.

Palavras-chave: Mulher haitiana; Memória, Identidade, Pertencimento.

ABSTRACT

This summary is the result of a research begun in 2017 under the project "International Migration in the Brazilian Amazon: language and social insertion of Haitians in Porto Velho" and aims to analyze elements of Haitian memory and identity through the discourses of Haitian women. Specifically we seek: a) to raise aspects of Haitian culture; b) to verify the elements of Haiti's membership of these women; c) to verify identity elements in the memories about Haiti in the discourses of these women. The main references that underpinned our research were studies on memory, identity and belonging and studies on Haitian immigration. The guiding studies that contributed most to our work on memory are the writings of Pollak (1992) and Magalhães (2005). On identity and belonging, we will work with the contributions of Hall (2014), Bauman (2005) and Amaral (2012). Regarding Haitian immigration, the contributions of Cotinguiba (2014), Samora (2015) and Handerson (2015) were essential to our consultation base. Our research was carried out through a field research, with participative observation, having as locus the city of Porto Velho, in the State of Rondônia. The research demonstrates conclusive aspects when it points out that Haitians in contact with Brazilian culture are interacting with local social practices, with the linguistic traditions of the city, hybridizing their identities with society and also exchanging productive structures between the re-territorialized place and the belonging.

Keywords: Haitian woman; Memory, Identity, Belonging.

RÉSUMÉ

Ce résumé est le résultat d'une recherche entamée en 2017 dans le cadre du projet "Migrations internationales en Amazonie brésilienne: insertion linguistique et sociale des Haïtiens à Porto Velho" et vise à analyser des éléments de la mémoire et de l'identité haïtiennes à travers les discours des femmes haïtiennes. Plus précisément, nous cherchons à: a) soulever des aspects de la culture haïtienne; b) vérifier les éléments de la composition d'Haïti de ces femmes; c) vérifier les éléments d'identité dans les souvenirs d'Haïti dans les discours de ces femmes. Les principales références à la base de notre recherche sont des études sur la mémoire, l'identité et l'appartenance et des études sur l'immigration haïtienne. Les études directrices qui ont le plus contribué à nos travaux sur la mémoire sont les écrits de Pollak (1992) et de Magalhães (2005). Sur l'identité et l'appartenance, nous travaillerons avec les contributions de Hall (2014), Bauman (2005) et Amaral (2012). En ce qui concerne l'immigration haïtienne, les contributions de Cotinguiba (2014), Samora (2015) et Handerson (2015) ont été essentielles à notre base de consultation. Nos recherches ont été menées sur le terrain, avec une observation participative, ayant pour siège la ville de Porto Velho, dans l'État de Rondônia. La recherche met en évidence des aspects concluants en signalant que les Haïtiens en contact avec la culture brésilienne interagissent avec les pratiques sociales locales, avec les traditions linguistiques de la ville, hybridant leurs identités avec la société et échangeant des structures productives entre le lieu reterritorisé et l'appartenance.

Mots-clés: femme haïtienne; Mémoire, identité, appartenance.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Convite para divulgação dos encontros semanais.....	22
Imagem 1 - Palestra sobre doenças sexualmente transmissíveis e o uso da camisinha feminina. Palestrante Lorena Medrado.	24
Imagem 2 - O primeiro contato com o preservativo feminino.	25
Imagem 3 - Mostrando algumas imagens sobre os costumes brasileiros.	26
Imagem 4 - Desenhar o que elas sentiam mais saudades.....	27
Imagem 5 - Chá de bebê das grávidas.	28
Quadro 1 - Processo de migração: mobilidade da desterritorialização do Haiti à reterritorialização em Porto Velho.	50
Quadro 2 - Recorrências de memória nos discursos das haitianas.	52
Quadro 3 - Recorrências de identidade e pertencimento nos discursos das haitianas.	55
Quadro 4 - Recorrências de hibridismo e multiculturalismo nos discursos das haitianas.....	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MIMCAB	Trabalho de Conclusão de Curso
UNIR	Universidade Federal de Rondônia
LEO	Laboratório de Estudos da Oralidade
SEAS	Secretaria Estadual de Assistência Social
LP	Língua Portuguesa
PIBIC	Programa de Iniciação Científica
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LISTA DE QUADROS

Quadro1- Processo de migração: mobilidade da desterritorialização do Haiti à reterritorialização em Porto Velho.-.

Quadro 2- Recorrências de memória nos discursos das haitianas.

Quadro 3- Recorrências de identidade e pertencimento nos discursos das haitianas.

Quadro 4- Recorrências de hibridismo e multiculturalismo nos discursos das haitianas.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 DESONVOLVIMENTO	18
SEÇÃO 1 – CAMINHOS DA PESQUISA	18
1.1 Apresentação	18
1.2 Relevância da pesquisa	19
1.3 Objetivos	20
1.3.1 Objetivo geral	20
1.3.2 Objetivos específicos.....	20
1.4 Metodologia aplicada.....	20
1.5 Encontros semanais com as haitianas	22
1.6 Corpus.....	28
1.7 Critérios de análise.....	29
SEÇÃO 2 – HAITI E BRASIL.....	30
2.1 Breve histórico.....	30
2.2 Migração haitiana para o Brasil	33
2.3 O projeto de extensão e pesquisa.....	36
SEÇÃO 3- DAS ARTICULAÇÕES TEÓRICOS E CONCEITUAIS	38
3.1 Cultura, hibridismo, multiculturalismo e pluralidade cultural	38
3.2 Identidade e pertencimento	41
3.3 Memória	44
3.4 Territorialidades.....	47
3.4.1 Desterritorialização, reterritorialização e transnacionalidade.	48
SEÇÃO 4 – ANÁLISES DOS DADOS.....	50
4.1 Perfil das haitianas	50
4.2 Recorrências de memória	51
4.4 Recorrências de identidade e pertencimento	53
4.5 Recorrências de multiculturalismo e hibridismo	56
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS.....	62
APÊNDICE A — Questionário aplicado com as mulheres haitianas.....	66
APÊNDICE B — Questionário respondido pelas haitianas	67
Transcrição 1- Vitória	67
Transcrição 2 - Laura	69
Transcrição 3 – Betânia	70
Transcrição 4 – Denise	71
Transcrição 5 – Luiza	72
Transcrição 6 - Mary	73
ANEXO A — Seleção de imagens da pesquisa de campo	75

1 INTRODUÇÃO

Desde março de 2011, Porto Velho é o destino de muitos imigrantes haitianos. No entanto, Handerson Joseph (2015) em suas pesquisas diz que, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) há presença de haitianos no país desde 1940, é claro que em menor proporção. Inicialmente o fluxo migratório era basicamente de homens, o que se percebeu nos últimos anos é que o número de mulheres haitianas tem aumentado significativamente. Aos imigrantes que em Porto Velho/RO chegavam, era concedido, por meio da resolução 97, de 12 de janeiro de 2012, do CNIg (Conselho Nacional de Imigração), um visto denominado “residência permanente por razões humanitárias”, por esse fator, os familiares destes, por inúmeras razões - uma delas por dependerem economicamente desses haitianos em migração vinham ao Brasil e ingressavam com um pedido de reunião familiar, pois esse é um direito assegurado pela legislação brasileira. Talvez isso explique a vinda de muitas mulheres a partir de meados de 2012.

Há várias pesquisas a respeito da imigração haitiana: inserção social, aprendizado da língua, trabalho, relações sociais de gênero e outros. Um dos temas que nos chamou atenção foi à imigração haitiana feminina. Pesquisar sobre essa imigração fez com que víssemos a riqueza cultural e linguística.

Partindo da perspectiva de que as mulheres haitianas são protagonistas de sua própria história, nosso trabalho tem como objetivo observar como essas mulheres acionam a memória, elementos identitários e o relacionamento com suas lembranças do Haiti; como elas ressignificam essas lembranças e como elas se posicionam nessa trajetória migratória. Todos esses elementos são trabalhados em nossa pesquisa, que passamos a caminhar pela estruturação exposta na próxima seção.

Os estudos norteadores que mais contribuíram para nosso trabalho foram os escritos de Magalhães ((2005) e Pollak (1992) sobre memória. Sobre identidade pertencimento, multiculturalismo e hibridismo trabalhamos com as contribuições de Hall (2014), Bauman (2005) e Amaral (2012). A respeito da imigração haitiana, as contribuições de Cotinguiba e Pimentel (2014) foram essenciais para a nossa pesquisa.

No que diz respeito à estrutura do texto, na primeira seção trataremos sobre quais os caminhos percorridos para alcançar nossos resultados, o objetivo geral e objetivos específicos, a metodologia aplicada e a descrição dos encontros semanais com as haitianas.

A segunda seção traçará um breve relato sobre o Haiti e a respeito dos processos de migração para o Brasil e nossa experiência no Projeto de extensão e pesquisa “Migração internacional na Amazônia brasileira: Linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho”.

A terceira seção denominada Articulações teóricas e conceituais tratará de uma revisão sobre os estudos e teorias aplicadas nesse trabalho.

A quarta e última seção apresentaremos os resultados da pesquisa no que diz respeito aos elementos de memória e identidade de mulheres haitianas reterritorializada em Porto Velho – RO.

2 DESONVOLVIMENTO

SEÇÃO 1 – CAMINHOS DA PESQUISA

Ao planejarmos esta seção, pensamos em mostrar ao leitor a trajetória que percorremos para alcançar os resultados. Para isso, nosso trabalho é composto pela a) apresentação da nossa experiência com a temática haitiana; b) relevância da pesquisa para a academia; c) objetivo geral e objetivos específicos; d) metodologia aplicada na pesquisa; e) o corpus de análise e e) os critérios utilizados em nossa pesquisa de mestrado.

1.1 Apresentação

Por ter assumido responsabilidades muito cedo, ainda na adolescência, como cuidar da casa, dos irmãos mais novos, o sonho de concluir os estudos foi adiado. Só depois de casada, retornei à escola na Educação de Jovens e Adultos – EJA. Terminei o Ensino Médio grávida de minha primeira filha. Desenvolvi um quadro de depressão e Síndrome do pânico ainda na gravidez. Com isso, inviabilizou para que eu desse continuidade aos estudos. Anos mais tarde, com a chegada do segundo filho, e com o quadro de depressão controlado, senti que deveria continuar os estudos, pois sabia que precisava de mais para conquistar meu espaço no mercado de trabalho e de realizar o meu sonho que era concluir o Ensino Superior. Depois de sete anos sem estudar, novamente, retomei os estudos no intuito de ingressar na Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Fiz minha inscrição em um cursinho pré-Enem, localizado no centro da cidade. Porém, esse curso não atendia as minhas necessidades, resolvi que estudaria em casa, buscando fazer leituras sobre atualidades e treinando a escrita. Sempre tive apoio do marido, não só financeiramente, mas também com palavras de incentivo e cuidados com as crianças. Dessa forma, consegui ingressar na UNIR. Estar em uma Universidade Federal fez com que eu procurasse buscar mais, a amar cada vez mais os estudos. Logo no segundo período foi apresentado a mim, o projeto de extensão e pesquisa intitulado “Migração Internacional na Amazônia Brasileira: Linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho, coordenado pela minha

professora Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba. O projeto fez com que eu me descobrisse como professora e pesquisadora. Percebi que a graduação era apenas mais uma etapa a ser concluída, e que era preciso dar continuidade aos estudos, as minhas pesquisas que, iniciei ainda durante a graduação como bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC, orientada pela minha também orientadora no Mestrado, Marília Lima Pimentel Cotinguiba.

Desde a graduação e como bolsista PIBIC fui incentivada por minha professora e orientadora a fazer o processo seletivo do Mestrado em Letras. Dessa maneira o fiz. A aprovação no mestrado foi um grande incentivo para mim, dessa forma, pude qualificar-me profissionalmente.

1.2 Relevância da pesquisa

O Haiti, um país do Caribe, apesar de ocupar uma pequena porção norte da Ilha que divide com outro país, a República Dominicana, tem ganhado força nos estudos acadêmicos, principalmente no âmbito da Ciências Sociais, Linguística e Literatura, sobretudo no Brasil. Muitas temáticas de dissertações e teses abordam a inserção de haitianos em diversas regiões brasileiras como em São Paulo, Porto Velho, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e outras localidades. O olhar pioneiro sobre gênero concentra-se na pesquisa de Jordão (2017). Em sua pesquisa de mestrado - orientada pela pesquisadora Dra. Marília Lima Pimentel Cotinguiba - a autora divulgou dados inéditos sobre essa temática. Nossa pesquisa vem ocupar um viés complementar a esse estudo, buscando relacionar os aspectos da memória, cultura, identidade e pertencimento de mulheres haitianas reterritorializadas em Porto Velho- RO.

Quando tocamos na temática “Haiti” na academia, deparamo-nos com uma série de estudos orientados por Marília Cotinguiba, referência no país, nas mais diferenciadas vertentes como as pesquisas das dissertações de Mestrado do curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia intitulados: “Um recorte do discurso midiático sobre o processo de imigração haitiana na Amazônia: uma análise das regularidades discursivas”, defendida em 2015, pela autora Daniele Teresa Samora; “As implicações linguísticas nas relações de trabalho em um contexto migratório dos haitianos em Porto Velho – RO”, defendida em 2015 pela autora Cleonete Martins de Aguiar; “Deslocamento, diáspora e memória em País

sem chapéu de Dany Laferrière”, defendida em 2015 pela autora Elizabeth Cavalcante de Lima; “Religiosidade e identidade(s) na diáspora: por uma etnografia entre migrantes haitianos em Porto Velho”, defendida em 2016, pelo autor Ailton Artur da Silva Ribeiro; “A mulher haitiana em Porto Velho, Rondônia: Imigração e gênero, defendida em 2017 pela autora Roziane Jordão”. Também aparecem outros estudos orientados por Cotinguiba no Mestrado em Estudos Literários: “Diáspora, deslocamento e identidade em Como fazer amor com um negro sem se cansar, de Dany Laferrière”, defendida em 2016 pela autora Karla Andrea Cândido Rêgo; “Diáspora, Pós-Colonialismo e memória em Adeus Haiti, de Edwidge Danticat”, defendida em 2016 pela autora Fernanda Dias da Silva.

Com essa gama de trabalhos relacionados ao Haiti, temos a missão de apresentar um olhar outro sobre essa temática, o que faz abordagens sobre a memória e identidades em discursos de mulheres haitianas reterritorializadas em Porto Velho, capital do Estado de Rondônia. Para tentarmos atingir essa máxima, apresentamos os objetivos a seguir.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Analisar elementos da memória e da identidade haitiana por meio dos discursos de mulheres haitianas reterritorializadas em Porto Velho, capital do Estado de Rondônia.

1.3.2 Objetivos específicos

Elegemos como objetivos específicos as seguintes metas: a) Levantar aspectos da cultura do Haiti; b) Verificar os elementos de pertencimento ao Haiti apresentados por essas mulheres; e c) Verificar elementos identitários nas lembranças sobre o Haiti nos discursos dessas mulheres.

1.4 Metodologia aplicada

Adotamos como abordagem a pesquisa qualitativa. Nesse formato, Flick, von Kardorff e Steinke (2000, p. 7), apresentam:

[...] quatro bases teóricas: a) a realidade social é vista como construção e atribuição social de significados; b) a ênfase no caráter processual e na reflexão; c) as condições “objetivas” de vida tornam-se relevantes por meio de significados subjetivos; d) o caráter comunicativo da realidade social permite que o refazer do processo de construção das realidades sociais torne-se ponto de partida da pesquisa.

Essas bases são norteadoras para os resultados que queremos encontrar na pesquisa, visto que, queremos analisar por meio da fala, como os elementos de pertencimento, memória e identidade são acionados nos discursos das haitianas.

Quanto ao tipo, a nossa pesquisa se caracteriza como documental e pesquisa de campo. Na pesquisa de campo, Fonseca (2002) assinala que se caracteriza pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental se realiza coleta de dados junto a pessoas com o recurso de diferentes tipos de pesquisa: a pesquisa ex-post-facto, pesquisa ação e a pesquisa participante. Optamos pela pesquisa participante, pois segundo Fonseca esse tipo caracteriza-se pelo envolvimento e identificação do pesquisador com os investigados.

No que diz respeito a pesquisa documental Godoy (1995, p. 22) diz que ela permite que a imaginação e a criatividade levem os investigadores a propor trabalhos que explorem novos enfoque e que:

Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa documental representa uma forma que pode se revestir de um caráter inovador, trazendo contribuições importantes no estudo de alguns temas. Além disso, os documentos normalmente são considerados importantes fontes de dados para outros tipos de estudos qualitativos, merecendo, portanto atenção especial (GODOY, 1995, p. 22).

Godoy (1995, p. 23), diz que “a pesquisa documental é também apropriada quando queremos estudar longos períodos de tempo, buscando identificar uma ou mais tendências no comportamento de um fenômeno”. Finalmente, autora assevera que [...] “existem ainda outros documentos como diários, autobiografias e notas de suicídios, que podem constituir um importante caminho para a obtenção de informações sigilosas” (GODOY, 1995, P.23), situação que se encaixa com os documentos que serão analisados em nosso trabalho e que se constituem como corpus, a ser explanado na próxima subseção.

1.5 Encontros semanais com as haitianas

Realizamos encontros semanais com as mulheres haitianas residentes em Porto Velho – RO, na escola Estadual 21 de Abril, localizada na Rua Rafael Vaz e Silva, 2812 – Liberdade. Nossos encontros iniciaram no final de 2017 e terminaram em meados de 2018. O convite para participar dos encontros semanais foi escrito em Kreyòl com a ajuda de um haitiano que fala e escreve bem o português.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

**MIGRAÇÃO, MEMÓRIA E CULTURA NA AMAZÔNIA
BRASILEIRA - MIMCAB**

Avèk anpil satisfaksyon pwofesè Elisângela de Lima ak oryantatè li pwofesè Marília Lima Cotinguiba, Nou envite ak tout fanm aisyèn youpou patisipe nan you konferans kap fèt sou sante fanm, sante bouch ak metòd Kontrasetif elatriye...

Konferans yo Ap fèt chak samdi soti nan 6h 30mn nan aswè pou rive nan 9h 00 nan aswè, pou rive nan 9h 00 nan aswè, soti nan mwa jwen, nan lèkol "Estadual 21 de Abril" Ki siye li nan riyèl Rafael Vaz e Silva, nimewo 2812 – Bairro: Liberdade.

Konferans yo grátis e n'ap ouvri pou tout fanm ayisyèn.



Figura 1 - Convite para divulgação dos encontros semanais.

Fonte: Crédito nosso.

À priori, nossa proposta era discutir assuntos que julgamos necessário para o conhecimento dessas imigrantes como: palestras a respeito da saúde da mulher com uma voluntária estudante do curso de Enfermagem. Os temas sugeridos por nós eram: pílula anticoncepcional, o uso do preservativo feminino, doenças sexualmente transmissíveis, e por fim, elas já pediam sobre que assunto que gostariam que abordassem no próximo encontro.



Imagem 1 - Palestra sobre doenças sexualmente transmissíveis e o uso da camisinha feminina.

Palestrante Lorena Medrado.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa MiMCAB.



Imagem 2 - O primeiro contato com o preservativo feminino.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa MiMCAB.

Para que obtivéssemos mais informações, a cada quinze dias, levávamos um texto a respeito da cultura e costumes brasileiros com o intuito de trocar experiências e saber mais sobre a história de vida das haitianas.

Percebemos, inicialmente, que algumas mulheres não se sentiam à vontade para falar sobre seus familiares, propomos uma atividade diferenciada: o desenho

como forma de expressarem seus sentimentos. Essa atividade foi bastante proveitosa, pois através dessa prática conseguimos ter mais conhecimento de suas vidas no Haiti, por exemplo, em que trabalhavam, do que e de quem mais sentiam saudades, quais suas comidas preferidas dentre outros. Dessa maneira conseguimos ganhar a confiança dessas imigrantes.



Imagem 3 - Mostrando algumas imagens sobre os costumes brasileiros.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa MiMCAB.



Imagem 4 - Desenhar o que elas sentiam mais saudades.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa MiMCAB.

Também ao final de cada palestra era servido um lanche que, mais tarde, elas davam sugestões do que queriam no próximo encontro. O cardápio brasileiro escolhido por elas era os mais variados: bolo, açaí, pão de queijo, frutas, salgadinhos, dentre outros.

Durante o mês de janeiro a julho, fizemos duas festas para comemorar o aniversário de uma das mulheres e o Chá de bebê de duas de nossas imigrantes. Até as mais tímidas, já sorriam, brincavam, estavam bem à vontade com nossa presença.



Imagem 5 - Chá de bebê das grávidas.

Fonte: Acervo do Grupo de Pesquisa MiMCAB.

O apoio do grupo de pesquisa MIMCAB por parte dos professores, voluntários e estudantes da UNIR foi fundamental para a realização da minha pesquisa. Vale ressaltar que todas as fotos nessa dissertação foram autorizadas pelas imigrantes, professores e palestrante do projeto.

1.6 Corpus

Constitui o corpus desta dissertação de mestrado questionário semiestruturados respondidos por seis haitianas residentes em Porto Velho desde 2012 a 2018. Cervo, Bervian e Silva (2007, p.53) no que diz respeito a questionários afirmam que “é a forma mais usada para coletar dados, pois possibilita medir com mais exatidão o que se deseja [...] meio de obter respostas às questões por uma fórmula que o próprio informante preenche”. Para Gil (2009, p.121) o questionário é definido como “técnica de investigação composta por um conjunto de questões que

são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos”.

Dessa forma, o questionário será estruturado com perguntas que possibilitem as mulheres haitianas a se relacionarem com suas memórias sobre o Haiti, de forma que possamos verificar elementos identitários, culturais e de pertencimento à pátria haitiana.

1.7 Critérios de análise

Nossos critérios de análises estão balizados por dois aspectos: a) Memória e b) Cultura. Em memória, pretendemos analisar aspectos da identidade e pertencimento. Em cultura, pretendemos analisar aspectos do multiculturalismo e hibridismo. Assim, nossos critérios adotados objetivam verificar elementos da memória haitiana nas conversas com as mulheres pesquisadas e também detectar como essas mulheres acionam esses elementos no processo de interação que denominamos de multiculturalismo e hibridismo na relação de reterritorialização para o Brasil.

SEÇÃO 2 – HAITI E BRASIL

Traçaremos nesta seção um breve relato sobre o Haiti e também nos debruçaremos a respeito dos processos de imigração de haitianos para o Brasil. Abordaremos também do projeto Migração internacional na Amazônia brasileira: Linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho coordenado pela professora Dra. Marília Lima Pimentel e pelo professor antropólogo Geraldo Castro Cotinguiba, vinculado ao Laboratório de Estudos da Oralidade – LEO, ao Grupo de Estudos Migrações, Memória e Cultura na Amazônia brasileira – MIMCAB, ao Núcleo de Ciências Humanas da Unir e conta com a parceria da Pastoral do Migrante, da igreja católica e da Secretaria Estadual de Assistência Social – SEAS. O projeto foi essencial para a realização da nossa pesquisa de mestrado.

2.1 Breve histórico

O Haiti foi o primeiro país negro a tornar-se independente em 1804 e tem em sua trajetória um caminho político, social e econômico indelével até os dias de hoje. Mesmo com os problemas enfrentados pós-independência, Cotinguiba (2014) diz que o Haiti se tornou um símbolo da revolução, da luta pela liberdade e uma ameaça para o projeto colonialista que se assentava sobre o escravismo.

Em 1915, os Estados Unidos da América ocuparam o Haiti com pretexto de estabilizar o país, desapropriaram terras e exploraram camponeses. Em 1957, apoiaram o sistema ditatorial de François Duvalier, conhecido como Papa Doc, eleito no mesmo ano; consolidaram um governo repressor, expulsaram representantes católicos entre outros desmandos. Ao final do governo, o Haiti era um dos países mais pobres da América, com 16 alto índice de analfabetismo. Após sua morte, em 1971, foi substituído pelo seu filho Jean-Claude Duvalier, conhecido como Baby Doc, dando continuidade ao terror instaurado pelo seu pai, também foi apoiado pelo exército Tontons Macoutes, que em português significa bichos-papões, agravando a crise e aumentando os índices de analfabetismo, fome e, ainda, de migrações do povo haitiano. Fugiu para a França, em 1986, onde permaneceu em exílio até janeiro de 2011 (SAMORA, 2015, p.15,16).

Mas esse cenário de pobreza nem sempre foi assim, como assinala Cotinguiba (2014) ao afirmar que o Haiti foi empobrecido e que não devemos atribuir a pobreza apenas ao passado colonialista e imperialista.

O processo de desigualdade teve início no período colonial e se consolidou no contexto da independência. O lema revolucionário era destruir tudo que

remettesse a ideia ou imaginário dos brancos e, assim, foi com a queima dos canaviais, dos engenhos, das casas e da destruição dos elementos que remetessem a ideia do repressor branco (COTINGUIBA, 2014, p. 80).

Desde fevereiro de 2004, o país sofre intervenção de forças militares da Organização das Nações Unidas (ONU), e o Brasil é o país responsável pelo processo de pacificação no território. A economia nacional é pouco desenvolvida, e os principais produtos de exportação são: o açúcar, a manga e a banana, entre outros. Esse segmento emprega a maioria dos haitianos. Seu índice de desenvolvimento humano (IDH) é baixo, aproximadamente 60% da população é subnutrida, e mais da metade vive abaixo da linha da pobreza. Portanto, [...] “podemos dizer que há na verdade duas camadas sociais: uma formada pela maioria pobre e analfabeta e outra de uma minoria escolarizada e com recursos financeiros” (SAMORA, 2015, p. 15).

Em relação à língua, o Haiti possui duas línguas oficiais que é o francês e o crioulo haitiano ou Kreyòl Aisyen, porém mais de 80% da população fala o crioulo haitiano, língua materna dos haitianos. O país foi descoberto por Cristovão Colombo em 1492, e em 1697 foi doada à França pela Espanha. Sua história foi marcada então por guerras com o objetivo de acabar com a colonização francesa que durou até 18 de novembro de 1803, dia da última batalha na qual os habitantes da Ilha venceram as tropas francesas. No entanto, somente se instituiu a independência em 1º de janeiro de 1804, momento em que o Haiti tornou-se um país independente.

Ao se tornar independente, conforme afirmam Cotinguiba e Pimentel (2014), o francês foi legalmente decretado, por Dessalines, a língua oficial da ilha, no entanto, o crioulo continuou vivo, o que levou linguístas e intelectuais a uma incessante busca a partir da década de 1930 que culminou, pela Constituição de 1987, a oficialização do crioulo. Somente em 1961, o crioulo foi oficializado ao lado do francês, que era o único idioma literário desde a independência da nação. Ainda segundo os autores, as bases do ensino no Haiti, embora tenham sido moldadas pelos colonos franceses no período da escravidão, foi implantada pelos fundadores do Estado haitiano.

Por ser um país subdesenvolvido e a maioria dos moradores não possuir acesso à educação, o país encontra-se em uma crise econômica e não possui perspectiva de melhoras em curto prazo. Quem fala o francês é visto como parte da elite, logo as famílias humildes, com grau de escolaridade menor, usam apenas o

crioulo para se comunicar, como é a maior parte da população, o idioma se propaga com mais facilidade que o francês. “As poucas escolas nacionais que existiam, desde o início da instituição do sistema educacional eram um privilégio das classes de maior poder aquisitivo” Rodrigues (2008, p. 23). Segundo o autor, não se pode esquecer que a língua ainda continua sendo um fator decisivo de diferenciação, pois a elite se recusa a empregar o crioulo, fora do meio familiar. Ele ainda ressalta que é desaconselhável dirigir-se diretamente Kreyòl Aisyen a alguém que se encontre pela primeira vez, pois isto pode levar a crer que esta pessoa não é suficientemente instruída para falar o francês. Mesmo o crioulo sendo a língua materna dos haitianos, ainda, continua a ser desprestigiada pela elite. Nesse sentido, Cotinguiba &Pimentel (2014) asseguram que:

Por volta da década de 1860, escolas católicas mantidas por congregações se instalaram no Haiti, para promover a formação de uma elite cristã. A entrada dessas instituições de ensino católicas, segundo Joint (2008), foi um chamariz para as famílias mais abastadas que alimentavam a crença na possibilidade de adquirir um ensino de excelência para os filhos nessas escolas congregacionais. Isso fez, por um tempo, com que as crianças provenientes de classes populares frequentassem as escolas mantidas pelo Estado. As instituições educacionais católicas tiveram grande influência na educação do Haiti, inclusive como coadjuvante no aumento da separação entre crianças pobres e ricas. É certo que houve um momento, mais especificamente na década de 1970, que as escolas católicas, em decorrência do aumento da demanda escolar, foram obrigadas a dividir o espaço de suas salas de aula entre alunos pobres e ricos (COTINGUIBA & PIMENTEL, 2014).

A respeito da reforma educacional, Cotinguiba e Pimentel (2014) constataram que essa configuração ainda não se universalizou e que em algumas escolas do Haiti seguem operando com base na estrutura clássica do modelo francês tradicional, ou seja, treze anos que são divididos em seis anos básicos, quatro ginasiais e três anos na escola secundária. Para o acesso à Universidade, o aluno deverá obter o chamado bacharelado – BAC II.

2.2 Migração haitiana para o Brasil

O Haiti há muito tempo, vem sendo explorado. Com isso sua floresta é quase inexistente, por isso o país sofre desastres naturais constantemente (tempestades, furações, etc.)

Por estar numa área de falhas geológicas, e por ter um solo erosivo oriundo basicamente de desmatamento, sofre com as mudanças climáticas e os riscos de furacões e terremotos provenientes do encontro das placas tectônicas do Caribe e da placa norte-americana. Porém, não se tem registro de um terremoto tão devastador quanto o que atingiu o país em 12 de janeiro de 2010 e marcou 7.3 de magnitude na escala Richter matando mais de 200 mil pessoas em menos de um minuto (COTINGUIBA & PIMENTEL, 2014).

Pouco tempo depois, no mesmo ano da maior catástrofe natural, começou a ser registrada a presença dos primeiros haitianos em Porto Velho. Todavia os motivos dessa migração não se restringem apenas a esse acontecimento catastrófico, “[...] outros motivos estão inscritos, como a crise econômica do país, o endurecimento das leis migratórias em outros países destinos desses imigrantes etc., como já revelaram outros estudos” (COTINGUIBA & PIMENTEL, 2014; SILVA, 2012).

Em virtude desses acontecimentos, criou-se um fluxo migratório em destino a cidade de Porto Velho, capital de Rondônia, sendo que muitos deles entraram no Brasil por vias ilegais. Ao adentrar no Brasil, “[...] eles solicitavam refúgio na Superintendência da Polícia Federal, eles também aguardavam por serviço de emissão de documentos” (SAMORA, 2015, p.25). A eles foi negado o refúgio, pois o visto de refugiado é concedido àqueles por violação de direitos humanos em que o refugiado é obrigado a fugir de sua terra por perseguições, intolerâncias políticas ou religiosas, guerras, dentre outros. Pela lei brasileira, eles deveriam ser deportados. No entanto, por se tratar de razões humanitárias, isso não ocorreu:

Aos haitianos foi negada a condição de refugio porque o Estado brasileiro considerou que esses aspectos não fazem parte da realidade social do Haiti. Tornase compreensível que não sejam reconhecidos os elementos de ameaça a vida do povo haitiano por dois motivos. O primeiro motivo e de cunho internacional. Caso houvesse a concessão da condição de refugio aos haitianos, o Brasil declararia a incompetência da MINUTASH e, ao mesmo tempo, o seu papel de líder. O objetivo principal da missão e “restabelecer a paz no Haiti”. O segundo motivo e de ordem

nacional. Uma vez concedido o refugio a um estrangeiro, o Estado brasileiro se torna responsável pela sua pessoa, assegurando-lhe segurança, alimentação, abrigo e condições dignas de vida (COTINGUIBA & PIMENTEL, 2014, p. 83).

As rotas de entrada, até 2012, eram as fronteiras entre o Peru e o estado do Acre e também nas divisas de Brasil, Peru e Colômbia, na cidade de Tabatinga, no estado do Amazonas. De Tabatinga os haitianos seguiam de barco para Manaus, numa viagem de cinco dias pelos rios amazônicos. No Acre, a entrada era pelo município de Assis Brasil, de onde seguiam para Brasília e partiam para Rio Branco e Porto Velho. Um dos percursos da viagem dos haitianos começava por terra, de ônibus até o país vizinho, a República Dominicana, depois partiam para o Panamá de barco ou avião. Do Panamá seguiam para o Equador, mais uma vez de barco ou avião e de lá a viagem era feita por terra nas arriscadas estradas até a capital peruana, Lima. No Peru, o fluxo migratório se dividia em dois principais caminhos: a tríplice fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia, em Tabatinga ou para a divisa com o Acre.

Vale salientar que, mesmo depois da publicação pelo Governo Federal da resolução normativa nº 97 de 12 de janeiro de 2012, cujo conteúdo regulamentava a entrada legal de haitianos no Brasil o que limitava a emissão de até 100 vistos por mês, entretanto, não cessou a entrada ilegal desses imigrantes. Dessa forma, os haitianos continuavam chegando ao Brasil e uma vez em território brasileiro solicitavam refúgio. O local de entrada, porém, mudou e passou a ser pela Bolívia, entre as cidades fronteiriças de Cobija e Brasília, visto que não havia, nesse local, uma fiscalização rígida.

A Amazônia brasileira era a fronteira de entrada dos imigrantes haitianos que estavam nos estados do Amazonas, Acre e Rondônia. Em 2012, na capital rondoniense, Porto Velho, estimamos que residiam aproximadamente 1.200 haitianos, a maioria encontrava-se empregada e quase todos com documentos legais do governo brasileiro, como carteira de trabalho, CPF, visto provisório ou permanente, carteira de vacinação ou estavam registrados, aguardando a liberação documental.

Segundo relatos do professor baiano que residia em São Paulo Me. Geraldo Castro Cotinguiba que desembarcou na capital de Rondônia no mesmo dia que o primeiro grupo de imigrantes haitianos, chegou à cidade de Porto Velho, em março de 2011, 105 haitianos entrando no Brasil pelo Estado do Acre. Depois desse

grupo, vários outros foram chegando à capital em busca de emprego. A primeira ajuda veio por parte do governo do estado, sobretudo, por meio da Secretaria de Assistência Social (SEAS) e da Pastoral do Migrante, providenciando-lhes abrigo, alimentação, consultas médicas e inserindo-os no mercado de trabalho. O governo do estado providenciava a inclusão cidadã, na retirada de documentos, exames laboratoriais e preventivos de saúde.

Em um primeiro momento, eles eram encaminhados a casa de apoio pela SEAS, à medida que conseguiam trabalho, eles alugavam apartamentos, geralmente, eram grupos de 8 a 10 haitianos, por causa dos altos preços dos aluguéis, pois precisam se manter e, ainda, enviar dinheiro para ajudar os familiares que ficavam no Haiti. Muitos deixaram esposas e filhos, que dependiam dessa ajuda para sobreviverem. Embora, fosse um grupo bem menor que a quantidade de homens, as mulheres também migravam deixando filhos com parentes e vinham para o Brasil com o intuito de conseguir trabalho e enviar dinheiro para ajudá-los. Em relação à migração de mulheres é ratificada por Joseph Anderson em seus estudos no qual ele diz que nos dados coletados pela Coordenação da Pastoral da Mobilidade em Tabatinga, os homens representam 84%, as mulheres 16% e os menores de idade 0,4 (HANDERSON, 2015, p.49).

Por se tratar de questões humanitárias, o visto concedido aos haitianos fez com que mais mulheres e crianças imigrassem para o Brasil, pois o visto humanitário trata-se de uma autorização para o estrangeiro entrar em um país em caráter de emergência, assim sendo, o estrangeiro tem direito ao reagrupamento familiar. Entretanto, “[...] essa imigração aumentou os problemas existentes na capital como o acesso à saúde pública, a educação, dentre outros” (COTINGUIBA 2016, p. 68). A respeito desse fluxo migratório, Cotinguiba diz que:

Nesse movimento de realização de duas obras de grande porte, permeada pelo discurso do progresso, muitas pessoas buscaram a região para trabalho e negócios e, nesse fluxo, os haitianos aparecem como uma categoria diferenciada, imigrante. Esse fluxo migratório para a capital rondoniense é o segundo de um país do Caribe para a região e o fator motivador mais uma vez é o trabalho (COTINGUIBA, 2016, P. 68).

Sobre o processo de migração, Cotinguiba (2014), em seus estudos diz que a causa das migrações é dividida em dois grupos “[...] um que trabalha com as causas repulsivas e outro que trabalha com as causas atrativas” (COTINGUIBA, 2014, p. 53). Na primeira, ele diz que é compreendido como um conjunto de fatores

como a miséria, a fome, guerras entre outros. Na segunda, é considerado outro aspecto como a procura de fortuna e a procura por terra. A imigração haitiana vai ao encontro com que Cotinguiba chamou de causas repulsivas uma vez que essa imigração está relacionada ao bloqueio econômico pós-independência, as questões econômicas e políticas do país, e por último, a catástrofe natural que devastou o país.

2.3 O projeto de extensão e pesquisa

A imigração de haitianos para o Brasil despertou em muitos estudiosos de várias áreas, o interesse em estudar vários aspectos dessa imigração. Em julho de 2011, foi criado um Projeto de extensão e pesquisa da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, intitulado, "Migração internacional na Amazônia brasileira: Linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho coordenado pela professora Dra. Marília Lima Pimentel e pelo professor antropólogo Geraldo Castro Cotinguiba, vinculado ao Grupo de Estudos Migrações, Memória e Cultura na Amazônia brasileira – MIMCAB, ao Núcleo de Ciências Humanas da Unir e conta com a parceria da Pastoral do Migrante, da igreja católica e da Escola 21 de Abril.

A igreja católica iniciou um curso de português para os imigrantes haitianos; as aulas eram ministradas em uma sala cedida pela Paróquia São João Bosco, por um professor haitiano, que já havia aprendido a língua. Em meados de 2011, essa atividade foi vinculada à UNIR e tornou-se um projeto de extensão e pesquisa. Com a chegada de novos haitianos, houve a necessidade de um espaço maior, pois a sala cedida pela igreja não comportava mais tantos alunos. Dessa maneira, firmou-se uma parceria com a Escola Estadual 21 de Abril, localizada na rua Rafael Vaz e Silva, no bairro Liberdade, local onde até o presente momento as aulas são ministradas.

Os objetivos do projeto eram o ensino da língua portuguesa, noções de história e geografia do Brasil e da Amazônia, noções de direitos humanos e trabalhistas, para promoção da inserção social dos imigrantes. Assim, esse projeto de extensão e pesquisa constitui-se um valioso laboratório de pesquisa.

Nossa pesquisa com os haitianos iniciou desde a graduação com o Programa de Iniciação Científica – PIBIC. O método utilizado em nossa pesquisa era

o etnográfico, pesquisador participante, as aulas eram ministradas por alunos do curso de letras português da Unir, com a nossa intervenção e participação.

Com base em nossas observações e conversas com os imigrantes, tanto no âmbito do projeto, como no trabalho de campo que realizamos durante o mês de setembro de 2013, juntamente com a Secretaria de Educação de Assistência Social – SEAS, ao visitarmos algumas casas desses alunos, foi possível constatar que as aulas de língua portuguesa estavam ajudando esses imigrantes tanto no trabalho como nas amizades com brasileiros, pois segundo Gilberto Velho (1978), para conhecer certas áreas ou dimensões de uma sociedade é necessário um contato direto, pois existem aspectos de uma cultura que não são explicitados, que não aparecem a superfície e que exigem um esforço maior. E nessas visitas ouvimos alguns relatos que muitos, antes de iniciarem o curso, haviam sido demitidos de seus empregos por motivo de não falar a LP. Muitos haitianos falavam das dificuldades em se relacionar, de obter informações, sobretudo em Unidades de Pronto Atendimento de Saúde. Dessa maneira, entendemos que o projeto de extensão e pesquisa citado anteriormente ajudou e tem ajudado os imigrantes na inserção em nossa capital.

Dessa forma, muitos destes, já fizeram a prova da Educação de Jovens e Adultos – EJA (de 1ª a 4ª série) e foram aprovados com êxito. Alguns já tiraram a carteira de habilitação, outros, receberam promoção no emprego, por servirem de intermediário em empresas entre encarregados e funcionários haitianos. Em 2016, dois haitianos passaram no vestibular da Universidade Federal de Rondônia – UNIR.

O projeto ficou conhecido em vários estados brasileiros. Essa expertise do projeto de ensino e inserção social dos imigrantes haitianos em Porto Velho levou parte da equipe para o estado de Santa Catarina, a convite do SESI, para expor a experiência com ensino de português para os haitianos e, também, para ministrar um treinamento para uma equipe de vinte e três supervisoras do SESI de SC. Além disso, juntamente com os coordenadores do projeto, professora Dra. Marília Pimentel e o professor Me. Geraldo Cotinguiba, nós elaboramos um material didático de ensino da nossa língua para haitianos e senegaleses que residiam e trabalhavam no estado de Santa Catarina.

Como ponto de partida para a elaboração desse manual, usamos das nossas experiências em sala de aula. Fizemos o material no final de dezembro de

2013 e em abril de 2014, esse material foi apresentado ao SESI e foi aceito pela equipe.

SEÇÃO 3- DAS ARTICULAÇÕES TEÓRICOS E CONCEITUAIS

Nesta seção, apresentaremos conceitos teóricos importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Traremos contribuições sobre cultura, identidade, multiculturalismo, hibridismo, memória, pertencimento, desterritorialização, reterritorialização e transnacionalidade.

3.1 Cultura, hibridismo, multiculturalismo e pluralidade cultural

Bauman (2004) define a cultura como “libertadora e que pode levar a humanidade rumo à socialização fraternal”. Nesse sentido, Pontes (2014) assinala que Bauman reconhece que as formulações conceituais sobre o termo são frágeis e que existem três perspectivas estratégicas que se destacam:

A primeira é noção de cultura como conceito hierárquico, que foi gestada no mundo helênico e que, para o autor, perpetua-se em nossa mentalidade ocidental, na qual a cultura é um elemento herdado ou adquirido e que define as características da criatura humana. [...] Uma segunda noção está presente no discurso da cultura como conceito diferencial, na qual a preocupação primordial é de visualizar as diferenças dos modos de vida entre os vários grupos humanos, classificando-os. Para Bauman a visão de cultura é própria da era moderna. O conceito diferencial desenvolve a ideia de que a cultura é responsável pelos diferentes destinos dos povos, aliando-se, nessa formação, questões de raça, ambientais e econômicas. [...] Para Bauman, os defensores do conceito diferencial estavam mais preocupados com os dados que justificassem a autoidentidade da comunidade do que em identificar qualquer “mistura” cultural, reafirmando a lógica que o contato com o outro é indesejável e maléfico. [...] No conceito genérico não existe sociedade sem cultura ou a cultura sem o alicerce de uma comunidade, frente a essa lógica a linguagem ou a produção dos símbolos são o cerne universal e básico da cultura humana (PONTES, 2014, p. 426).

Inúmeros cientistas trabalham com as concepções de cultura. Para Campomori (2008, p-78-79) a cultura “[...] é a própria identidade nascida na história, que ao mesmo tempo nos singulariza e nos torna eternos. É índice e reconhecimento da diversidade. É o terreno privilegiado da criação, da transgressão, do diálogo, da crítica, do conflito, da diferença e do entendimento. Nas contribuições de Malinowski (2009),

a cultura consiste no conjunto integral dos instrumentos e bens de consumo, nos códigos constitucionais dos vários grupos da sociedade, nas ideias e artes, nas crenças e costumes humanos. Quer consideremos uma cultura muito simples ou primitiva, quer uma cultura extremamente complexa e desenvolvida, confrontamo-nos com um vasto dispositivo, em parte material e em parte espiritual, que possibilita ao homem fazer face aos problemas concretos e específicos que se lhe deparam. (MALINOWSKI, 2009, p. 45).

É importante mencionar que há inúmeras interpretações errôneas sobre “quem tem cultura e não tem cultura”, todos nós somos pertencentes a uma cultura, em conformidade com as anotações de aulas de Amaral no Mestrado, somos levados a imaginar que apenas o erudito é o que é cultura e essa dimensão do que é cultura, vai muito além do que é ou não “clássico”, perpassando até por meios e gestos em que vive uma sociedade.

Para Certeau (1996), [...] “a cultura é julgada devido às operações e não pela posse dos produtos culturais”. Dessa forma “[...] dá-se relevância a questão da cultura que não se configura apenas como informação, mas como uma série de operações em função das relações sociais estabelecidas” (CERTEAU 1996, p.43).

Amaral (2012, p. 103) posiciona que o “[...] conhecimento das culturas permite a consciência da discriminação e a capacidade de interagir com a diferença”. Para ela, sendo a cultura local o ponto de partida para a aquisição dos conhecimentos, entendemos que o melhor conceito de cultura é aquele que nos faz sabê-la como a “[...] produção de fenômenos que contribuem [...] para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema sócio” (CANCLINI, 2006, p. 29)

No que diz respeito à cultura como estrutura, Bauman (2005) vê como as inter-relações se organizam numa sociedade. Entretanto, a estrutura fixa e imutável do sujeito é descartada pelo autor, pois, para ele, a estrutura é um conjunto de regras em constante transformação. Para FREITAS (2012, p.264-265) “[...] é de domínio público que uma das grandes dificuldades do ser humano é a de desenraizar-se de sua cultura e adaptar-se a um novo contexto”. Para esse autor, isso é uma dificuldade da existência humana porque “um conhecimento sobre certa cultura não habilita o detentor desse conhecimento a bem vivê-la”.

Isso muito se aproxima com o que conhecemos sobre a convivência dessas imigrantes – haitianas - em Porto Velho, porque esse processo de reterritorialização torna-se um constante exercício em virtude das diferenças culturais, tanto nas

vestimentas, culinária, idioma, costumes e muitos outros fatores. Tendo que estar em constante imersão no conhecimento da cultura local.

Amaral (2012, p. 89) analisa que “[...] nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro. É que, acima das culturas individuais, somos seres sociais que interagimos culturalmente”. Dessa forma, estamos pensando no multiculturalismo. Para falar de imigração haitiana, não poderíamos deixar de falar sobre multiculturalismo, pois o Brasil é um país multicultural e com uma grande diversidade étnica. Andrea Semprini (1999) assinala que o ponto de partida do multiculturalismo aconteceu nos anos 60 com o movimento pelos direitos civis. Entretanto na década de 70, surgiram os conflitos, as reivindicações multiculturais juntamente com a crise de identidade em consequência da queda do comunismo.

Na contemporaneidade, o termo multiculturalismo tem sido usado como estratégia para buscar entender a realidade cultural contemporânea, uma atitude a ser desenvolvida em relação à pluralidade cultural em uma determinada sociedade.

Nosso continente é um continente construído com uma base multicultural muito forte, onde as relações interétnicas têm sido uma constante através de toda a sua história. Uma história dolorosa e trágica, principalmente no que diz respeito aos grupos indígenas e afro-descendentes (MOREIRA & CANDAU 2008).

Para Amaral (2012, p. 104), “[...] o multiculturalismo opõe-se ao que ele julga ser uma forma de etnocentrismo (visão de mundo da sociedade branca dominante que se toma por mais importante que as demais)”. Entendemos como multiculturalismo a presença de várias culturas em um mesmo país ou região. Quadros & Fleuri (2015) dizem que é importante a compreensão da ideologia presentes em determinadas perspectivas do multiculturalismo, da visão exótica do outro, da caridade. Zizek (2010) citado por Quadros & Fleuri (2015) diz que é racismo pós-moderno quando somos levados a pensar no outro como uma categoria exótica ou quando vemos esse outro como necessitado de caridade. Ainda segundo os autores, as diferenças devem ser reconhecidas pelas riquezas das culturas, não pelo exótico. O desafio é reconhecer a diferença para além do que já é conhecido ou pré-estabelecido.

Rondônia e, principalmente, a capital, Porto Velho, ao receber tantos haitianos, acaba se tornando no que classifica Amaral (2012, p. 103):

Descobrimos, dessa forma, o imenso caldeirão cultural que é este estado e toda a epopeia vivida pelos seus habitantes. Hoje, sabemos que Rondônia é o resultado da fervura do “caldeirão” agitado que foi a sua colonização e ocupação. Aqui há a fusão e a metamorfose, a união e a separação, o híbrido e o sincrético que faz esse povo diferente e singular. E a língua é o resultado de tudo e de todos que para cá vieram.

Os estudos sobre pluralidade cultural de Amaral (2012) ganham notoriedade porque contribuem para novos olhares sobre inúmeras culturas. Para essa pesquisadora, a pluralidade cultural se foca “[...] nas relações das práticas sociais e econômicas que, se entrelaçadas, potencializam a trama e se revelam mais nas atuações do que nas ações propriamente ditas” (AMARAL, 2014, p. 104).

Assim, finalizamos essa subseção com as contribuições de Wortmann e Veiga-Neto (2001) que chamam atenção para os estudos sobre cultura “[...] têm a ver com práticas sociais, tradições linguísticas, processos de constituição de identidades e comunidades, solidariedades e, ainda, com estruturas e campos de produção e de intercâmbio de significados entre os membros de uma sociedade ou grupo. (VEIGA-NETO, 2001, p.). Passamos para as noções sobre identidade e pertencimento a partir do próximo tópico.

3.2 Identidade e pertencimento

O contato com outros povos tem grande influência no que diz respeito à identidade, uma forma de estarmos em contato com novas culturas, e isso, atua diretamente em nossa formação identitária. Isso corrobora com o que Hall (2006) diz que a Identidade é algo formado ao longo do tempo e que não é algo inato, existente em nossa consciência ao nascermos. Entendemos assim, que nossa identidade está em constante transformação.

Também Hall (2014) assinala que, as velhas identidades que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio. Novas identidades estão surgindo e fragmentando o indivíduo moderno que antes era visto como unificado. A esse respeito Samora (2015) afirma que esse conceito descreve as identidades que atravessam fronteiras, ou seja, pessoas que saíram de sua terra natal, como é o caso dos haitianos. “Eles são produtos da nova diáspora, o que os levam a assumir identidades diferentes em diferentes momentos” (SAMORA, 2015, p.37).

Existem três concepções de identidades para Hall (2006, p. 12): a identidade do sujeito do Iluminismo, a identidade do sujeito sociológico e, por último, a identidade do sujeito pós-moderno.

O sujeito do iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do “eu” era a identidade de uma pessoa. [...] era uma concepção muito individualista do “individualista” do sujeito e da identidade dele (já que o sujeito do iluminismo era usualmente descrito como masculino). [...] A noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo do mundo moderno e a consciência de que esse núcleo do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele. [...] De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o “eu” e a sociedade. [...] o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente (STUART HALL, 2014, p. 10-13).

A identidade sendo algo móvel, não unificado, sofre mudanças historicamente, isso, são características do sujeito pós-moderno, uma vez que, esse sujeito está em contato com várias comunidades e nações. É o caso dos haitianos que migram pelo mundo.

Para entendermos melhor, Bauman (2005) utiliza uma metáfora de um jogo de quebra cabeça para explicar a identidade que ele chama de desconhecida. A identidade segundo Oliveira (2005) é explicada da seguinte forma:

Assim como um quebra cabeça, a identidade seria formada por peças, ou ainda, pedaços, porém, ao contrário do jogo comprado em uma loja de brinquedos, o quebra cabeça da identidade só pode ser compreendido, se entendido como incompleto, “ao qual faltem muitas peças (e jamais saberá quanta)”, acrescenta (OLIVEIRA, 2005, p. 4 apud BAUMAN, 2005, p. 54).

A diferença é que, no quebra cabeça é preciso unir as peças para que tenha uma imagem final, ou seja, já esperada, na identidade o sujeito precisa unir de várias imagens diferentes, mas nunca possuirá um resultado unificado e coeso, assim, a identidade do sujeito pós-moderno nunca estará pronta, cristalizada ou unificada. “Um outro aspecto desta questão da identidade está relacionada ao caráter da mudança da modernidade tardia; em particular, ao processo de mudança

conhecida como “globalização”, e seu impacto sobre a identidade cultural.” (HALL, 2014, p. 12).

Juntamente com a globalização, as mídias têm o poder de impulsionar os sujeitos pós-modernos. Muitos são os fatores que impulsionam os haitianos a migrar. Além dos anseios pessoais, o processo de globalização gera uma série de fatores que implicam na mobilidade haitiana. No caso dos imigrantes haitianos, a falta de oportunidades, à procura de melhores condições de vida, a falta de recursos financeiros, juntamente com os discursos vinculados nas mídias, fez com que boa parte da população haitiana migrasse para o Brasil.

A visibilidade brasileira no exterior devido ao discurso do crescimento econômico do Brasil, a relativa facilidade de entrar no país pelas fronteiras da região norte, a possível oferta de trabalho motivada pela realização da copa do mundo de 2014, o endurecimento de políticas de imigração em outros países, a instabilidade pós-terremoto de 2010 e a possibilidade de conseguir um visto de permanência, relativamente rápida configuram entre os fatores que motivaram a emigração dos haitianos para o Brasil (COTINGUIBA 2014, p.87).

Percebemos que, na maioria dos casos, é para trabalhar que as pessoas saem de seus países, impulsionada por melhores salários e melhores condições de vida.

A identidade, segundo Magalhães (2005), pode ser abordada em relação à questão de gênero, pode ser definida a partir da religião que se processa, pode ser construída com a contribuição da atividade profissional que uma pessoa exerce, está intimamente ligada ao grupo étnico ao qual pertencemos, o que já inclui outras categorias como a língua, os costumes, dentre outros. Em virtude disso, as identidades estão sempre em processo, sempre sendo formadas.

O ato identitário, marca um outro, o de pertencer. O pertencimento ainda não está tão difundido pelos estudos culturais e sociais, mas nos cabe mencionar aqui, como uma forma importante da marca identitária das haitianas. As relações de identidade e pertencimento ao lugar “[...] são desenvolvidas no processo de apropriação e territorialização do espaço. Isto se dá quando os sujeitos ultrapassam a necessidade da apropriação de um locus”, ou seja, “[...] quando se desenvolvem, neste local, valores ligados aos seus sentimentos e à sua identidade cultural e simbólica, reformulando o espaço onde vive, ao qual se identificam e se sentem pertencer” (RAFFESTIN, 1993, p. 54). Para Silva 2013,

buscar a identidade e o sentimento de pertença de um lugar é procurar compreender o entrelaçar das falas e conceitos que dão forma aos espaços. Os significados, os sentidos e os valores atribuídos a um espaço, e que constituem sua identidade e pertencimento são elaborados e reelaborados a cada momento

Ainda para essa autora, o sentimento de pertencimento está relacionado à “[...] aproximação, bem como da ligação com o local. É uma idéia de enraizamento, em que o indivíduo constrói e é construído, planeja e se sente parte de um projeto, modifica e é por ele modificado” (SILVA 2013, p. 204).

O pertencer além de ato de ligação é também uma forma de resistir às “tempestades” de saudade geográfica e também dos costumes culturais do local. Muitas haitianas que pesquisamos em nosso trabalho, reúnem-se em comunhão, seja pelo alimento típico, ou pela canto/dança, mantendo pulsante a chama pelo país “máter”, o Haiti.

Ao falarmos sobre identidade e pertencimento não poderíamos deixar de falar sobre memória, uma vez que essa é importante na construção da identidade do sujeito ou de um povo, conforme abordaremos a seguir, na próxima subseção.

3.3 Memória

Para Claudio Magalhães (2005) o resgate da memória é de suma importância devido à construção de uma identidade consistente de um determinado povo. Para isso, é necessário que não deixe de rememorar, ir a busca das raízes, das origens, do âmago da sua história.

Michael Pollak (1992) diz que, à priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo íntimo da pessoa, mas que deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, algo que foi construído coletivamente e submetido às transformações e mudanças constantes. O autor ainda assinala que todos que já realizaram entrevistas de história de vida, percebem que em uma narrativa muito longa, os entrevistados voltam várias vezes ao mesmo acontecimento. Ele explica que é como se, numa história de vida individual houvesse elementos irredutíveis igualmente em memórias construídas coletivamente. Ele diz que esse fenômeno se dá por o acontecimento ter sido tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças.

Pollak (1992) afirma que podem existir acontecimentos regionais que traumatizam tanto uma região ou grupo que, sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação, por exemplo, a catástrofe que assolou o Haiti ficou gravada na memória dos imigrantes pela quantidade de mortos e por ter sido um acontecimento devastador.

Além dos acontecimentos, Pollak diz que existem lugares da memória particulares ligados a uma lembrança, por exemplo, um lugar de férias na infância muito marcante, independentemente da data real em que a vivência se deu.

A respeito dessas lembranças, Magalhães (2005) afirma que isso é bastante perceptível quando temos a experiência de um sabor ou um cheiro que percebíamos ou tínhamos enquanto criança, e que quando adultos ao sentirmos o cheiro ou o sabor somos remetidos, voltamos ao passado e invocamos essa lembrança. Buscamos essa memória que está adormecida, não que busquemos, mas ela vem à tona.

Também, segundo Pollak (1992), os monumentos aos mortos podem servir de uma base a uma lembrança em que ela viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela em que o autor chama de memória coletiva. A independência do Haiti também ficou gravada na memória dos haitianos, por mais longínquo e fora do espaço de tempo de vida desses imigrantes, constitui um lugar importante para a memória do grupo e da própria pessoa. Os haitianos que frequentaram o projeto – de pesquisa explanado no corpus -e que perguntamos sobre a independência do Haiti, todos, sabiam contar sobre o acontecimento nacional.

Assim, para Cláudio Magalhães (2005) a memória histórica constitui um fator de identificação humana, é a marca ou o sinal de sua cultura e que reconhecemos nessa memória o que nos distingue e o que nos aproxima. Identificamos a história e os seus acontecimentos mais marcantes, desde os conflitos às iniciativas comuns. E a identidade cultural define o que cada grupo é e o que nos diferencia uns dos outros.

Pollak (1992) afirma que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva na medida em que ela é também um fator importante de sentimento de continuidade de uma pessoa ou de um grupo.

Dessa maneira (WEHLING, 2003, p. 13) em consonância com Pollak diz que:

A memória do grupo sendo a marca ou sinal de sua cultura, possui algumas evidências bastante concretas. A primeira e mais penetrante dessas finalidades é a da própria identidade. A memória do grupo baseia-se essencialmente na afirmação de sua identidade.

Nesse mesmo sentido e linha teórica, colabora Japiassu (1996, p. 178) ao mencionar que “[...] a memória pode ser entendida como a capacidade de relacionar um evento atual com um evento passado do mesmo tipo, portanto como uma capacidade de evocar o passado através do presente”.

Magalhães (2005) nota que a ligação entre memória e identidade é tão profunda que o imaginário histórico-cultural se alimenta destes para se auto-sustentar e se reconhecer como expressão particular de um determinado povo.

A memória não pode ser entendida como apenas um ato de busca de informações do passado, tendo em vista a reconstituição deste passado. Ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria memorização, o que estará ligado à questão de identidade (SANTOS, 2004, 59).

Em contrapartida, Magalhães (2005) observa que ao mesmo tempo em que um grupo quer esquecer, outros testemunham acontecimentos e querem inscrever suas lembranças contra o esquecimento, para que a memória continue sempre viva. É a luta pelo não esquecimento. Dessa maneira o autor diz que surge aí a resistência de grupos que não querem esquecer suas memórias pelo contrário querem preservá-las e perpetuá-las, para que as futuras gerações saibam dos acontecimentos por ali passados.

Assim, Magalhães (1992) diz que a memória é um elemento essencial da identidade e contribui para a formação da cidadania. Para Santos (2004):

A definição da própria identidade cultural implica em distinguir os princípios, os valores e os traços que a marcam, não apenas em relação a si própria, mas frente a outras culturas, povos ou comunidades. Memória e identidade estão interligados, desse cruzamento, múltiplas pelas possibilidades poderão se abrir ora produção de imaginário histórico-cultural.

Chelotti (2010) afirma que “[...] a identidade é construída por subjetividades individuais e coletivas e pode estar relacionada a grupos sociais ou ao pertencimento territorial”. Portanto, “[...] percebe-se que a incorporação da dimensão simbólica, do imaterial no discurso geográfico tem possibilitado uma enorme riqueza

nas análises sobre a produção do espaço, das paisagens, das territorialidades”. Por essa razão, traremos a partir da próxima subseção, noções sobre territorialidades e os processos de reterritorialização e desterritorialização.

3.4 Territorialidades

Quando pensamos em territorialidades, estamos retratando o território. O território de âmbito geográfico. Esse lugar geográfico é

[...] paisagem, território, limites, fronteiras, região, lugar, mundo, rede: em muitas circunstâncias, esses conceitos se entrecortam, não sendo incomum, portanto, o esforço malsucedido de delimitar, com precisão, cada um deles. Todos estabelecem estreitas relações, próximas o bastante para construir não só imagens teóricas de superposição como, também, de atravessamentos. Todos ainda podem ser interpretados como derivações de um conceito-matriz: o espaço (HISSA, p. 60, 2009).

Coulucci e Couto (2011) contribuem com a noção de que as territorialidades “[...] são estas especificidades físico-humanas que constituem os atributos necessários à consolidação do território”. Este, por sua vez, “foi fundamental na transformação das relações internacionais e na afirmação do Estado Nacional moderno e atual”. Para Coulucci e Couto (2011, p. 33).

[...] espaço e território são elementos interconectados. Podemos dizer que o espaço está relacionado à dinâmica socioproductiva, enquanto o território trata do estabelecimento e da extensão de poder sobre esta dinâmica. O espaço relaciona-se com os aspectos da interação humana na construção dos seus lugares sociais no mundo, ultrapassando os limites políticos, em geral administrativos, estabelecidos na construção territorial. Todavia, mesmo a construção territorial está além destes limites, indissociável da questão da identidade

Territorialidades para Coulucci e Couto (2011, p. 34) são, sobretudo, “[...] os traços conjunturais de interação entre os homens e o meio físico que favorecem a implantação de poder político sobre esta dinâmica social em uma determinada extensão territorial”. Para esses estudiosos elas estão diretamente associadas a “[...] uma movimentação social, econômica e política e pela demarcação e manutenção de uma extensão do substrato geomorfológico, em prol da perpetuação da sociedade ali estruturada” (COULUCCI E COUTO 2011).

Os territórios, dessa forma, atuam como instituições para além da geografia. No nosso entender, os territórios existem e resistem para além da presença física,

como podemos vislumbrar nitidamente nas relações das haitianas pesquisadas em nosso trabalho. Ainda que reterritorializadas em Porto Velho, as mulheres nascidas no Haiti, mantêm vínculo com o local de origem, seja pelo ato de pertencimento, ou pela identidade, até mesmo participando das decisões de sua comunidade naquele país ou mandando remessas de dinheiro para a família.

Partindo do ponto de território, falaremos a seguir sobre o processo de desterritorialização e reterritorialização.

3.4.1 Desterritorialização, reterritorialização e transnacionalidade.

Pensamos o território simplesmente como algo fixo e geográfico, mas vejamos como pensam Guattari e Rolnik (1996, p. 323) sobre isso.

“[...] O território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair do seu curso e se destruir. A espécie humana está mergulhada num imenso movimento de desterritorialização, no sentido de que seus territórios “originais” se desfazem ininterruptamente com a divisão social do trabalho, com a ação dos deuses universais que ultrapassam os quadros da tribo e da etnia, com os sistemas maquínicos que a levam a atravessar cada vez mais rapidamente, as estratificações materiais e mentais” (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p. 323).

Muitas são as contribuições teóricas sobre desterritorialização. Podemos compreender, basicamente, que o processo de desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, “[...] é a operação da linha de fuga” e a reterritorialização é o movimento de construção em outro território (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 224). Esses autores asseguram que:

[...] jamais nos desterritorializamos sozinhos, mas no mínimo com dois termos: mão-objeto de uso, boca-seio, rosto-paisagem. E cada um dos dois termos se reterritorializa sobre o outro. De forma que não se deve confundir a reterritorialização com o retorno a uma territorialidade primitiva ou mais antiga: ela implica necessariamente um conjunto de artifícios pelos quais um elemento, ele mesmo desterritorializado, serve de territorialidade nova ao outro que também perdeu a sua. Daí todo um sistema de reterritorializações horizontais e complementares, entre a mão e a ferramenta, a boca e o seio .

Para Deleuze e Guattari (1997, p. 324) o pensamento se faz no processo de desterritorialização. Pensar é desterritorializar. Isto quer dizer que o pensamento só é possível na criação e para se criar algo novo, é necessário romper com o território existente, criando outro. Dessa forma, da mesma maneira que os agenciamentos

funcionavam como elementos constitutivos do território, eles também vão operar uma desterritorialização. Novos agenciamentos são necessários (BRUCE, 2015).

Os haitianos e haitianas, ao se desterritorializarem, se reterritorializam, por exemplo, na cidade de Porto Velho. Para Chelloti (2010, p. 66) “[...] o processo de desterritorialização ocorre com múltiplas implicações, sejam nas esferas sociais, econômicas, políticas ou culturais” e isso faria com que “o mundo estivesse cada vez menor, numa compressão nas relações espaço-tempo”. Para Ianni (1995, p.93) a desterritorialização,

[...] lança a idéia de sociedade global no cerne da pósmodernidade. Aí muita coisa muda de figuradesloca-se, flutua, adquire outro significado, dissolve-se. Ao lançar-se além dos territórios, fronteiras, sociedades nacionais, línguas, dialetos, bandeiras, moedas, hinos, aparatos estatais, regimes políticos, tradições, heróis, santos, monumentos, ruínas, a sociedade global desterritorializa tudo o que encontra pela frente. E o que se mantém territorializado já não é mais a mesma coisa, muda de aspecto, adquire outro significado, desfigura-se. Rompem-se os quadros geográficos e históricos prevaletentes de espaço e tempo. Emergem outras conotações para o que é singular, particular, universal, em outras mediações. (IANNI, 1995, p. 103-104, grifo no original).

Os imigrantes haitianos, já reterritorializados em Porto Velho, continuam operando nas ações sociais e econômicas do seu país, atuando como agentes transnacionais. A expressão latina “trans” significa algo que vai além de ou para além de, a fim de evidenciar a superação de um locus determinado, que indicaria que são perpassadas diversas categorias unitárias, num constante fenômeno de desconstrução e construção de significados (CRUZ; BODNAR, 2009, p. 58). Essas abordagens serão mais explanadas na seção 4 – de análises com discussões sobre a temática.

Compreendemos, portanto, que as haitianas reterritorializadas em Porto Velho, não se desvinculam do território máter. Cruz e Piffer (2017, p. 54), sobre esse elemento transnacional assegura que isso ocorre porque:

os acontecimentos de hoje são transnacionais, porque ocorrem de forma recorrente para além das fronteiras nacionais e requerem um compromisso regular e significativo de todos os participantes, pois à medida que a globalização desenvolve sua dinâmica, cresce a necessidade dos envolvidos se localizarem em novos cenários e encontrarem maneiras de contrabalançar as novas tendências.

Essas considerações são essenciais para compreendermos os processos de mobilidade dos sujeitos haitianos para Porto Velho, conforme abordaremos no quadro a seguir:

Quadro 1 - Processo de migração: mobilidade da desterritorialização do Haiti à reterritorialização em Porto Velho.

Saída do Haiti Abandono físico do território	Chegada à Porto VelhoReterritorialização Novo território	Vinculação com Haiti, mesmo reterritorializada transnacionalidade.
----------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------

Fonte: a autora da dissertação.

Conforme verificamos, no momento a) ocorre o abandono físico do território, o deslocamento para Porto Velho por inúmeros motivos, seja pelo empobrecimento do Haiti, seja pelo ato cultural de ser um diáspora do mundo; No momento b, ocorre a chegada ao novo território, Porto Velho, lugar em que os Haitianos encontram amigos de pátria e também familiares que embarcaram primeiro para o Brasil, há então um processo de busca por empregos e também pelo aprendizado de língua portuguesa e c) ao chegar nesse território, os haitianos continuam com vinculação ao antigo território, motivado pelos elementos identitários, pertencentes. A esse vínculo, o elemento transnacionalidade é aqui operado, nessa relação. Traremos exemplos desse dispositivo com mulheres haitianas, durante a nossa seção de análises, que começaremos a tratar a partir de agora.

SEÇÃO 4 – ANÁLISES DOS DADOS

Chegamos à parte de análises do nosso corpus. Nossas análises se constituirão de elementos da memória e identidade haitiana através dos discursos de mulheres daquele país que se reterritorializaram em Porto Velho/RO. Especificamente, buscamos extrair dos discursos dessas mulheres aspectos sobre a) memória, identidade e pertencimento e b) multiculturalismo e hibridismo. Para tanto, faremos inicialmente uma breve descrição das interlocutoras da pesquisa.

4.1 Perfil das haitianas

É importante esclarecer que as mulheres haitianas entrevistadas não têm o mesmo perfil. Duas casaram e engravidaram aqui no Brasil, as outras quatro são solteiras. Das quatro solteiras, duas são divorciadas e deixaram filhos no Haiti. A faixa etária de nossas entrevistadas está entre dezoito e quarenta e cinco anos. Todas declararam ter o Ensino Médio Completo e vieram ao Brasil pelo mesmo motivo: Melhores condições de vida. Também vale ressaltar que aqui foram utilizados nomes fictícios, a fim de preservar a identidade das entrevistadas.

4.2 Recorrências de memória

Iniciamos com um trecho de uma da entrevistada Vitória, que demonstra sua ligação de memória com o Haiti: “Você não podia ir para a escola com o uniforme tudo estragado, tinha que ser tudo bem passadinho, tudo limpinho”.

Sobre a memória, as haitianas demonstraram um acionamento da ceia de natal no Haiti, momento em que “se faz uma troca de comida entre os vizinhos, o ambiente é muito alegre, tem músicas nas ruas... etc”. Há também um aspecto regular entre as falas das haitianas quanto às comidas locais. A entrevistada desse discurso menciona também um formato escolar do Haiti no que se refere à vestimenta dos alunos. A haitiana Vitória disse que lá no país “o uniforme padrão, é muito lindo, uma coisa que me faz sentir muito bem, porque eu usava. É todo mundo padrão e você não podia ir para a escola com o uniforme tudo estragado, tinha que ser tudo bem passadinho, tudo limpinho”. A entrevistada menciona que no Brasil isso não ocorre “aqui eu não vejo muito, por exemplo, aqui quando a pessoa vai na escola, vai de chinelo, lá no Haiti não pode”.

As haitianas são muito bem alinhados com seus trajes, durante nossos encontros no projeto, percebemos que muitos dos frequentadores das aulas de Língua Portuguesa participavam com suas melhores roupas e sapatos impecavelmente bem limpos. Para Batista (2005) o resgate da memória é de suma importância devido à construção de uma identidade consistente de um determinado povo. Para isso é necessário que não deixe de rememorar, ir em busca das raízes, das origens, do âmago da sua história. Michael Pollak (1992) diz que, à priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo íntimo da pessoa, mas que deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social, algo que foi construído

coletivamente e submetido às transformações e mudanças constantes. O autor ainda assinala que todos que já realizaram entrevistas de história de vida, percebem que em uma narrativa muito longa, os entrevistados voltam várias vezes ao mesmo acontecimento. Ele explica que é como se, numa história de vida individual houvesse elementos irreduzíveis igualmente em memórias construídas coletivamente. Ele diz que esse fenômeno se dá por o acontecimento ter sido tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Assim, a forma como as haitianas se vestem e se preparam para ir às aulas é a reprodução do que ocorre no Haiti. As nossas interlocutoras disseram que a escola, no Haiti, é um lugar de respeito e admiração. Para elas, estar estudando é motivo de orgulho e, por esse motivo, todas têm que ir arrumadas.

Perguntadas sobre o maior herói da história do Haiti, todas as entrevistadas declararam que esse papel cabe ao Dessalines.

Dessalines mesmo, ele porque foi o primeiro povo negro a ser livre, sabe? Envolve tudo isso. Tipo quando você olha pra sua cor, você fala: Eu fui a primeira nação negra a ser livre da escravidão, entendeu? Então acho que foi ele, porque hoje em dia, os negros tem oportunidades, acho que foi através dele, o Dessalines”, comentou uma das haitianas.

Em nossas observações, ficou claro que Dessalines está na memória do povo haitiano por ele ter ganhado a batalha e ter promulgado a Independência do Haiti. Já a catástrofe que assolou o Haiti ficou gravada na memória pela quantidade de mortos e por ter sido devastador.

Apresentamos no quadro a seguir as recorrências de memória durante os discursos das haitianas participantes da pesquisa.

Quadro 2 - Recorrências de memória nos discursos das haitianas.

Item	Aparecimento
Família/Casa	7 vezes
Culinária haitiana	5 vezes
Ceia de natal	2 vezes
Ensino/Escola	2 vezes

Fonte: a autora da dissertação.

Bosi (1979, p. 13) relata que “a memória é a reserva que se dispõe da totalidade de nossas experiências” Isso nos remete a compreensão de que não somente as experiências pessoais estão nessa reserva de lembranças, mas também

o convívio por meio em sociedade, ou seja, pelo coletivo. É natural encontrar inúmeras haitianas em rodas de conversa num ato de reconstituição de um passado, o que explica Santos (2004, p. 59)

A memória não pode ser entendida como apenas um ato de busca de informações do passado, tendo em vista a reconstituição deste passado. Ela deve ser entendida como um processo dinâmico da própria memorização, o que estará ligado à questão de identidade.

Em Bosi (1979, p. 15) encontramos que “a lembrança é a sobrevivência do passado”. É por meio da lembrança que tudo é recontado, revivido. Esse autor diz que

Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação. (BOSI, 1979. p. 39).

Considerando as contribuições de Bosi (1979) e Santos (2004) e os resultados das recorrências dos discursos das haitianas em nossa pesquisa, compreendemos que a reserva das experiências dessas imigrantes residentes em Porto Velho, estão fixadas primeiramente em informações de um passado familiar, pois quando se lembram do aconchego de casa, pensam na união parental (família/casa/ceia de natal) para depois pensarem em outras instituições como: a escola, a igreja e o patriotismo, via a bandeira. Passaremos para as recorrências de identidade e pertencimento, a seguir.

4.4 Recorrências de identidade e pertencimento

Sobre identidade e pertencimento, as declarantes relatam principalmente sobre as saudades que sentem de casa. Para uma das haitianas, a Vitória, o que mais pesa é a “saudades da minha tia e irmã. Dos rios e praias”. Para Luzia o que ela mais sente falta é “Dos filhos, dos irmãos, da família inteira”. Mary também diz sentir falta da família e de casa “meu tio, minha mãe, minha casa, minha amiga, minha escola, tudo”. Percebemos aqui uma noção de identidade e pertença ao lar, reduto familiar e também da paixão dos haitianos pela bela natureza do seu país. A entrevistada Vitória, também trouxe como dados o “bouyon, é uma sopa que é feita

com carne de porco ou carne de cabrito, banana, batata doce, couve, legumes”. Há então nessa formação discursiva uma representação identitária da culinária do país.

Indagada sobre o hino, as informantes declaram que a letra é fruto de uma guerra e conseqüentemente simboliza a vitória. Para a uma dessas haitianas, a Laura, o hino “representa um grito de vitória. Eles criaram depois que ganharam, né. Pra representar aquilo que eles fizeram, entendeu? Pra mim é um grito de vitória”. Esse “ganharam” é alusão à libertação dos escravos na independência do Haiti. Esse grito de vitória é identitário e carrega um valor discursivo de pertencimento ao seu país. Bauman (2005) utiliza uma metáfora de um jogo de quebra cabeça para explicar a identidade que ele chama de desconhecida. A identidade segundo Oliveira (2005) é explicada da seguinte forma:

Assim como um quebra cabeça, a identidade seria formada por peças, ou ainda, pedaços, porém, ao contrário do jogo comprado em uma loja de brinquedos, o quebra cabeça da identidade só pode ser compreendido, se entendido como incompleto, “ao qual faltem muitas peças (e jamais saberá quanta)”, acrescenta (OLIVEIRA, 2005, p. 4 apud BAUMAN, 2005, p. 54).

A diferença é que, no quebra cabeça é preciso unir as peças para que tenha uma imagem final, ou seja, já esperada, na identidade o sujeito precisa unir de várias imagens diferentes, mas nunca possuirá um resultado unificado e coeso, assim, a identidade do sujeito pós-moderno nunca estará pronta, cristalizada ou unificada. “Um outro aspecto desta questão da identidade está relacionada ao caráter da mudança da modernidade tardia; em particular, ao processo de mudança conhecida como “globalização”, e seu impacto sobre a identidade cultural.” (HALL, 2014, p. 12).

As relações de identidade e pertencimento ao lugar “são desenvolvidas no processo de apropriação e territorialização do espaço. Isto se dá quando os sujeitos ultrapassam a necessidade da apropriação de um locus”, ou seja, “quando se desenvolvem, neste local, valores ligados aos seus sentimentos e à sua identidade cultural e simbólica, reformulando o espaço onde vivem ao qual se identificam e se sentem pertencer” (RAFFESTIN, 1993). Para Silva (2013, p. 44):

Buscar a identidade e o sentimento de pertença de um lugar é procurar compreender o entrelaçar das falas e conceitos que dão forma aos espaços. Os significados, os sentidos e os valores atribuídos a um espaço, e que constituem sua identidade e pertencimento são elaborados e reelaborados a cada momento.

Falando dessa relação, extraímos como análise do discurso da entrevistada Vitória, essa sensação relatada para Silva (2013), porque a declarante mensura que a bandeira do Haiti representa “[...] o sangue que foi derramado, o branco representa a paz, na minha opinião. A bandeira significa tipo uma identidade, uma liberdade que adquirimos através da luta”. (Diário de Campo). Essa liberdade aparece quando uma das entrevistadas no diário de campo relata que “a bandeira significa tipo uma identidade, uma liberdade que adquirimos através da luta”. De acordo com a informante o maior herói da história Haitiana, Dessalines, desperta para ela uma sensação de liberdade da escravidão, isso porque: “ele foi o primeiro povo negro a ser livre, sabe? Envolve tudo isso. Tipo quando você olha pra sua cor, você fala: Eu fui a primeira nação negra a ser livre da escravidão, entendeu? Então acho que foi ele, porque hoje em dia, os negros têm oportunidades, acho que foi através dele, o Dessaline”.

Compreendemos, dessa forma, um sentimento de pertença, porque de acordo com Silva (2013) o sentimento de pertencimento está relacionado à “aproximação, bem como da ligação com o local. É uma ideia de enraizamento, em que o indivíduo constrói e é construído, planeja e se sente parte de um projeto, modifica e é por ele modificado” (SILVA 2013, p. 204). Apresentamos no quadro a seguir as recorrências de identidade e pertencimento durante os discursos das haitianas participantes da pesquisa:

Quadro 3 - Recorrências de identidade e pertencimento nos discursos das haitianas.

Item	Aparecimento
Dessalines Herói	6 vezes
O Hino como motivo de orgulho/vitória/comunhão/felicidade	6 vezes
A Bandeira como representação de luta/liberdade/alegria/orgulho	6 vezes

Fonte: organizado pela autora da dissertação.

A vinda das haitianas para a cidade de Porto Velho opera no que Hall analisa sobre um processo de multiplicidade, segundo Hall (2006, p. 13),

“à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar - ao menos temporariamente.”

Isso nos parece ir de encontro com o que diz Sá (2005, p. 247) ao trabalhar a noção de que há uma ideologia existente na modernidade líquida do mundo, em que as pessoas são mecânicas e não possuem um ato de vinculação ao lugar de origem, mesmo se reterritorializando a um novo país.

A ideologia individualista da cultura industrial capitalista moderna construiu uma representação da pessoa humana como um ser mecânico, desenraizado e desligado de seu contexto, que desconhece as relações que o tornam humano e ignora tudo o que não esteja direta e imediatamente vinculado ao seu próprio interesse e bemestar. (...) Diz-se, então que os humanos perderam a capacidade de pertencimento (SÁ, 2005, p.247).

Dessa forma, concluímos que ao demonstrarem identificação com o líder Dessalines, com a bandeira e o hino do país, as haitianas reterritorializadas em Porto Velho se filiam à uma condição de pertencimento nacionalista, que é fundamental para identidade individual e coletiva. Sendo assim, as haitianas estão recapitulando sua história e a história do país, pois “cada um de nós, recapitula essa história em sua biografia”. (BRANDÃO, 2008. p.28). Passaremos para as recorrências de multiculturalismo e hibridismo, a seguir.

4.5 Recorrências de multiculturalismo e hibridismo

Rondônia é um Estado brasileiro que recebeu inúmeros movimentos migratórios, como muito bem nos relata Amaral (2012, p. 90).

Podemos dizer que a ocupação humana da área geográfica que constitui hoje o Estado de Rondônia aconteceu por “ciclos” ou “fluxos”, responsáveis pelo processo de povoamento e desenvolvimento da região. Esses movimentos migratórios foram responsáveis pela economia e pela formação étnica dos habitantes do estado. Os movimentos migratórios coincidem, na maioria das vezes, com os ciclos de desenvolvimento econômico do estado, porém há particularidades que são, às vezes, tratadas apenas como curiosidades, mas que merecem destaque neste levantamento. Por isso, não dividiremos, apenas, em ciclos econômicos, mas procuraremos apresentar uma abordagem do ponto de vista mais humanista, onde questões étnicas, culturais, políticas, religiosas, dentre outras, foram fundamentais para a vinda das pessoas.

Com a chegada em Porto Velho, as haitianas entrem em contato com a cultura local. Uma das nossas entrevistadas respondeu que “se você quer me

roubar, me dá pão de queijo.” No Haiti não há pão de queijo. O pão de queijo não é de Rondônia. Vejamos então que ocorre nesse enunciado o que Amaral (2012, p. 103) nomeia de caldeirão cultural por ser isso “um resultado da fervura do “caldeirão” agitado que foi a sua colonização e ocupação”.

Esse caldeirão nada mais é do que o multiculturalismo e hibridismo, e em nossas pesquisas, detectamos que as entrevistadas haitianas gostam do formato como são realizados os aniversários brasileiros:

“Olha, eu gosto dos aniversários, quando faz um aniversário aqui faz com o tema de alguma coisa, olha, vai falar do Huck, tá tudo decorado com o Huck, o povo se pinta de Huck, eu acho muito legal. Tem pula-pula pras crianças, dão tantas coisas pra comer, eu gosto dos aniversários”.

Outro aspecto interessante do discurso da entrevistada Vitória é sobre a comida brasileira:

“Comida aqui do Brasil eu gosto do churrasco, só aqui no Brasil que eu vim comer carne assada, linguiça, essas coisas, eu adoro. Lá no Haiti não faz churrasco, só carne frita. Aqui, como mais frutas, como churrasco e linguiça. Também gosto de pão de queijo. “Se você quer me roubar, me dá pão de queijo”.

Vemos aqui aspectos do multiculturalismo e hibridismo dela com aspectos brasileiros, mas também americanos, com as personagens dos filmes. Quanto à culinária, a haitiana mantém contato com o churrasco, tipicamente da região sul do país, com a linguiça e o pão de queijo, tipicamente do Estado de Minas Gerais. Amaral (2012, p. 103) posiciona que o “conhecimento das culturas permite a consciência da discriminação e a capacidade de interagir com a diferença”. Para ela sendo a cultura local o ponto de partida para a aquisição dos conhecimentos, entendemos que o melhor conceito de cultura é aquele que nos faz sabê-la como a “produção de fenômenos que contribuem [...] para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social” (CANCLINI, 2006, p. 29). Amaral (2012, p. 89) assevera que “nenhuma cultura é jamais unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação do Eu com o Outro. É que, acima das culturas individuais, somos seres sociais que interagimos culturalmente”.

Dessa forma, estamos pensando no multiculturalismo. Para falar de imigração haitiana, não poderíamos deixar de falar sobre multiculturalismo, pois o

Brasil é um país multicultural e com uma grande diversidade étnica. Andrea Semprini (1999) assinala que o ponto de partida do multiculturalismo aconteceu nos anos 60 com o movimento pelos direitos civis. Entretanto, na década de 70, surgiram os conflitos, as reivindicações multiculturais juntamente com a crise de identidade em consequência da queda do comunismo.

Na contemporaneidade, o termo multiculturalismo tem sido usado como estratégia para buscar entender a realidade cultural contemporânea, uma atitude a ser desenvolvida em relação à pluralidade cultural em uma determinada sociedade.

Nosso continente é um continente construído com uma base multicultural muito forte, onde as relações interétnicas têm sido uma constante através de toda a sua história. Uma história dolorosa e trágica, principalmente no que diz respeito aos grupos indígenas e afro-descendentes. (MOREIRA & CANDAU 2008).

Para Amaral (2012, p. 104) “o multiculturalismo opõe-se ao que ela julga ser uma forma de etnocentrismo (visão de mundo da sociedade branca dominante que se toma por mais importante que as demais)”. Entendemos como multiculturalismo a presença de várias culturas em um mesmo país ou região.

Sobre seu posicionamento da forma como a mulher haitiana é tratada no Brasil, a declarante informa que

“Eu acho que bem, comigo nunca aconteceu o caso de me tratar mal. Pelo contrário quando eu chego num lugar, eu falo que sou haitiana, falo três línguas, o povo fica “Nossa”, todo mundo quer conversar, sabe? Fica fazendo pergunta. Eu acho que é bem tratada. Tem algumas mulheres haitianas que se adaptam ao sistema, que eu não sei como. Teve uma mulher brasileira que veio perguntar pra mim “Porque que as mulheres haitianas chegam a aqui no Brasil dizendo que quer oportunidade pra melhorar a vida e nem tem três meses no Brasil e já engravidam? E não consegue trabalhar, entendeu? Não consegue nada. Fiquei com vergonha sem saber o que responder. Pra mim isso não é uma coisa que é muito boa, por exemplo, se eu saio do meu país pra buscar uma melhor vida, é lógico, que eu preciso trabalhar, né? Pra sustentar minha família lá, pra ter uma instabilidade econômica. Tudo bem que a pessoa pode ter filho, mas primeiro precisa de um planejamento, entendeu? Aí, quando chegam aqui, imediatamente, aquilo da gravidez, aí fala “Ah, no Brasil não tem trabalho, mas, como que alguém vai te dar trabalho no estado em que você está, entendeu? Achei um pouquinho ruim, sabe? Mas não foi ofensivo. (Entrevistada Vitória)”.

Esses diálogos da haitiana com outras mulheres brasileiras fazem parte do que Certeau (1996) esclarece sobre “a cultura é julgada devido às operações e não pela posse dos produtos culturais”. Dessa forma “dá-se relevância a questão da

cultura que não se configura apenas como informação, mas como uma série de operações em função das relações sociais estabelecidas” (CERTEAU 1996). Assim, finalizamos essa subseção com as contribuições de Wortmann e Veiga-Neto (2001) que chamam atenção de que os estudos sobre cultura têm a ver com práticas sociais, tradições linguísticas, processos de constituição de identidades e comunidades, solidariedades e, ainda, com estruturas e campos de produção e de intercâmbio de significados entre os membros de uma sociedade ou grupo. (WORTMANN; VEIGA-NETO, 2001). Apresentamos no quadro a seguir as recorrências de hibridismo e multiculturalismo durante os discursos das haitianas participantes da pesquisa

Quadro 4 - Recorrências de hibridismo e multiculturalismo nos discursos das haitianas.

Item	Aparecimento
Festas/aniversários	6 vezes
Culinária (Churrasco/ pão de queijo)	5 vezes

Fonte: organizado pela autora da dissertação.

Amaral (2012, p. 187) diz que “assumir o multiculturalismo requer entender que vivemos numa sociedade híbrida” e que, “numa época classificada como pós-moderna, tornam-se inadmissíveis oposições como popular x culto, moderno x tradicional, urbano x rural” (AMARAL, 2012, p. 187). Com essa análise de Amaral e com o diário de campo de nossa pesquisa, compreendemos que compreender que as haitianas em contato com a cultura de Porto Velho não estão se sentindo intimidadas em “expor” a “cultura/costumes” do Haiti, na cidade. Isso deve ser pensado como reflete Amaral (2012, p. 187)

A hibridação precisa ser vista com um olhar transdisciplinar, assim como nos ensina Canclini (2006, p. 29): “entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

As haitianas que durante as entrevistas apontaram um processo de identificação com a culinária (churrasco, pão de queijo, etc) e com as festas de aniversários com temas infantis regados ao refrigerante Dydyo, como declarou a entrevistada Denise “Gosto do país. Das festas, de dydyo” (que só é comercializado em Porto Velho), se filiam a esse olhar transdisciplinar, podemos inserir esses elementos da cultura local com elementos da cultura do Haiti ao prepararem uma

mesa de almoço com seus vizinhos brasileiros. Essa combinação, como muito bem menciona Canclini, gera novas estruturas, objetos e práticas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa é fruto da nossa investigação desde a graduação. A temática migração haitiana para a cidade de Porto Velho tem sido trabalhada em nossas pesquisas ao longo desses anos no projeto Migração internacional na Amazônia brasileira: Linguagem e inserção social de haitianos em Porto Velho coordenado pela professora Dra. Marília Lima Pimentel e pelo professor antropólogo Geraldo Castro Cotinguiba, vinculado ao Laboratório de Estudos da Oralidade – LEO, ao Grupo de Estudos Migrações, Memória e Cultura na Amazônia brasileira – MIMCAB, ao Núcleo de Ciências Humanas da Unir e conta com a parceria da Pastoral do Migrante, da igreja católica e da Escola Estadual 21 de Abril.

Com a aprovação no mestrado, optamos pelo aprofundamento do assunto, analisando elementos da memória e da identidade haitiana por meio dos discursos de mulheres haitianas reterritorializadas em Porto Velho, capital do Estado de Rondônia. Elegemos como objetivos específicos o levantamento de aspectos a) da cultura do Haiti; b) da noção e sentimento de pertencimento por partes dessas mulheres ao Haiti e c) dos traços identitários nas lembranças sobre o Haiti nos discursos das nossas entrevistadas.

Adotamos como abordagem a pesquisa qualitativa por entender que esse método é norteador para resultados que analisam a fala/discurso. Constituiu o nosso corpus seis questionários semiestruturados respondidos por seis haitianas residentes em Porto Velho desde 2012 a 2018. Nossos critérios de análises foram balizados por meio de dois aspectos: a) Memória e b) Cultura. Em memória, analisamos aspectos da identidade e pertencimento. Em cultura, analisamos aspectos do multiculturalismo e hibridismo. Dessa forma, nossos critérios adotados verificaram elementos da memória haitiana exaradas pelas mulheres pesquisadas e também detectaram como essas mulheres acionaram esses elementos no processo de interação que denominamos de multiculturalismo e hibridismo na relação de reterritorialização para o Brasil. Os resultados apontam que sobre memória, a reserva das experiências dessas imigrantes residentes em Porto Velho, estão fixadas primeiramente em informações de um passado familiar, pois quando

lembram-se do aconchego de casa, pensam na união parental (família/casa/ceia de natal) para depois pensarem em outras instituições como: a escola, a igreja e o patriotismo, via a bandeira.

A respeito da identidade e pertencimento, os resultados apontaram que as haitianas ao demonstrarem identificação com o líder Dessalines, com a bandeira e o hino do país, as haitianas reterritorializadas em Porto Velho se filiam a uma condição de pertencimento nacionalista, que é fundamental para identidade individual e coletiva.

Quanto aos processos de multiculturalismo e hibridismo, os resultados revelam que as haitianas ao apontaram um processo de identificação com a culinária (churrasco, pão de queijo, etc) e com as festas de aniversários com temas infantis regados ao refrigerante Dydyo (que só é comercializado em Porto Velho), se filiam a um olhar transdisciplinar (Brasil-Porto Velho & Haiti), Essa combinação de elementos da culinária dos dois países se postos à mesa em um almoço com vizinhos brasileiros se classificará como muito bem menciona Canclini, situação em que gerará novas estruturas, objetos e práticas.

Nossa pesquisa aponta para outras possibilidades de análise sobre a imigração de mulheres haitianas, quais sejam, uma reflexão mais detida, por exemplo, sobre ser mulher, ser haitiana e ser negra no Brasil. Outra possibilidade de análise seriam as implicações linguísticas nas relações de trabalho e de inserção social de mulheres haitianas reterritorializadas no Brasil. A possibilidade de outros olhares para a pesquisa sobre as interações linguísticas e sociais de haitianas no e para o Brasil, a partir deste trabalho, suscita agendas de pesquisas futuras que podem ser profícuas nas áreas de Letras e em outras áreas das Ciências Humanas.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. Processos migratórios *em* Rondônia e sua influência *na* língua e *na* cultura. **Linha D'Água**. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 87-107, 2012.
- AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do, Proposta para a formação de professores ribeirinhos no Estado de Rondônia. **Revista Exitus**. Volume 02. nº 01. Jan./Jun. 2012
- BATISTA, Claudio Magalhães, Memória e Identidade: Aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. **Caderno Virtual de Turismo**. Vol. 5. n.3, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevistas a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BODNAR, Zenildo; CRUZ, Paulo Márcio. **Globalização, transnacionalidade e Sustentabilidade**. Itajaí: Univali, 2012. Disponível em: . Acesso em: 8 jan. 2015. E-book.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Tao. 1979.
- CAMPOMORI, Maurício José Laguardia. **O que é avançado em cultura**. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org). A república dos saberes: arte, ciência, universidade e outras fronteiras. Belo Horizonte: Ed.da UFMG, 2008. p. 73-80.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. 4.ed. 1.Reimp. Trad. Heloisa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. Tradução da Introdução Gênese Andrade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- CANDAU, Vera. **Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas**. Vozes, 2008
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. (1998). **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. São Paulo: Unesp/Paralelo.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano I: artes de fazer**. Petrópolis Vozes, 1996.
- CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **A Metodologia Científica**. 6.ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- CHELOTTI, Marcelo. Reterritorialização e identidade territorial. Uberlândia, 22 (1): 165-180, abr. 2010

COLUCCI, Danielle; SOUTO, Marcos. Espacialidades e territorialidades: conceituação e exemplificações. **Revista Geografias**. Belo Horizonte 07(1) 114-127 janeiro-junho de 2011.

COTINGUIBA, G. C. **Imigração haitiana para o Brasil – a relação entre trabalho e processos migratórios**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História e Estudos Culturais da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Porto Velho, 2014.

COTINGUIBA, Geraldo C.; PIMENTEL, Marília L. **Apontamentos sobre o processo de inserção social dos haitianos em Porto Velho**. In. Travessia (São Paulo), v. 70, p. 99-106, 2012.

COTINGUIBA, Geraldo Castro e PIMENTEL, Marília. **Deslocamento populacional contemporâneo, língua e história: uma contribuição para os estudos sobre a imigração haitiana para o Brasil**. In: **Imigração e imigrantes: uma coletânea interdisciplinar**. Salvador: Pontocom, 2015.

CRUZ, Paulo; PIFFER, Carla. Transnacionalidade, migrações transnacionais e os direitos dos trabalhadores migrantes. **Revista do Direito**. Santa Cruz do Sul, v. 3, n. 53, p. 51-66, set./dez. 2017.

DELEUZE, G. e GUATTARI. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Ed. 34. 1997

FREITAS, Maria Ester de. **Gestão com pessoas e subjetividades: Multiculturalismo e expatriação nas organizações: vida dos executivos expatriados, a festa de riso ou choro**. São Paulo: ATLAS, 2012, p.264.

FLICK, U., von Kardorff, E. & Steinke, I. (Orgs.) (2000). Was ist qualitative Forschung? Einleitung und Überblick. **[O que é pesquisa qualitativa? Uma introdução.]**. Em U. Flick, E. von Kardorff & I. Steinke, (Orgs.), **Qualitative Forschung: Ein Handbuch [Pesquisa qualitativa - um manual]** (pp. 13- 29). Reinbek: Rowohlt

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GUATTARI, E e ROLNIK, S. 1996 **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pósmodernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANDERSON, Joseph. **A historicidade da (e)migração internacional haitiana. O Brasil como novo espaço migratório**. Perilos – Revista de investigación sobre migraciones. Vol: 1, Nº1, 2017.

HISSA, Cássio E. Viana. **Territórios de diálogos possíveis.** In: RIBEIRO, Maria T. F.; MILANI, Carlos R. S. (orgs.). *Compreendendo a complexidade socioespacial contemporânea: o território como categoria de diálogo interdisciplinar.* Salvador: EDUFBA, 2009. p. 36-84.

IANNI, O. A desterritorialização. **A sociedade global.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995. p. 89-105.

JORDÃO, Roziane. **A mulher haitiana em Porto Velho, Rondônia: Imigração e gênero.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Porto Velho, 2017.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma teoria científica de cultura.** Tradução Marcelina Amaral. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

MOREIRA, Antonio Flávio; CÂMARA, Michele Januário. Reflexões sobre currículo e identidade: implicações para a prática pedagógica. In: MOREIRA, Antonio Flávio; CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas.** 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 38-66.

PERES, Roberta Guimarães. **Mulheres na fronteira: imigração e gênero.** In: *Migração internacional / Rosana Baeninger (Org.). - Campinas: Núcleo de Estudos de População - Nepo/Unicamp: 2013.*

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento e Silêncio.** In. *Estudos Históricos.* 1989/3. São Paulo. Cpdoc/FGV.

PONTES, Matheus. Zygmunt Bauman e o conceito de cultura. **Revista OPSIS,** Catalão-GO, v. 14, n. 2, p. 425-429, 2014.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993

RODRIGUES, Luiz Carlos Balga. **Francês, crioulo e vodu: A relação entre língua e religião no Haiti,** p.142.

SÁ, Lais Mourão. **Pertencimento.** In *ENCONTROS e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores.* Coautoria de Luiz Antonio Ferraro Junior. Brasília, DF: Ministério do Meio Ambiente, 2005, p. 245 - 256.

SAMORA, Daniela. **Um Recorte Do Discurso Midiático Sobre O Processo De Imigração Haitiana Na Amazônia: Uma Análise Das Regularidades Discursivas.** Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Porto Velho, 2015.

SANTOS, Reinaldo Soares dos. **O Encanto da Lagoa: O imaginário histórico-cultural como elemento propulsor para o turismo cultural na Lagoa Encantada.** Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo) - Programa de Pós-Graduação em Cultura e Turismo, UESC/UFBA, Ilhéus-Ba, 2004.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Tradução de Loureano Pelegrin. São Paulo: Edusc, 1999. 178 p.

SILVA, Sidney Antonio da. **“Aqui começa o Brasil”**. **Haitianos na tríplice fronteira e Manaus**. In. Migrações na Pan-Amazônia: fluxos, fronteiras e processos socioculturais. Sidney Antonio da Silva (org). São Paulo: Hucitec; Manaus: Fapeam, 2012.

WEHLING, Arno & WEHLING, Maria José. **As estratégias da memória social** (In, Brasilis: revista de história sem fronteiras) Rio de Janeiro: Editora Atlântida, Ano 1 nº1, 2003).

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna & VEIGA-NETO, Alfredo. Estudos Culturais da Ciência & Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

APÊNDICE A —Questionário aplicado com as mulheres haitianas

- 1) O que você mais sente falta no Haiti?
- 2) Cite três aspectos do Haiti que você sente falta?
- 3) O que você sente ao ouvir o hino do Haiti?
- 4) O que você sente ao ver a bandeira do Haiti?
- 5) Como a mulher haitiana é tratada no seu país? Tem alguma mulher do seu país que você admira?
- 6) Para você qual é o maior herói do Haiti?
- 7) O que você mais gosta no Brasil?
- 8) Cite três aspectos do Brasil que você mais se identifica.
- 9) Em sua opinião, como a mulher haitiana é tratada no Brasil?

APÊNDICE B — Questionário respondido pelas haitianas

Transcrição 1- Vitória

O que você mais sente falta no Haiti?

“Saudades da minha tia e irmã. Dos rios e praias. Bouyon, é uma sopa que é feita com carne de porco ou carne de cabrito, banana, batata doce, couve, legumes. Eu fiz hoje e ficou muito bom, muito gostoso”.

Cite três aspectos do Haiti que você sente falta?

‘Lembro de uma data comemorativa que 24 de dezembro na ceia de natal se faz uma troca de comida entre os vizinhos, o ambiente é muito alegre, tem músicas nas ruas... etc. “Aqui eu não danço, mas lá eu arrasava”. Aqui fiquei dura.’

Uma coisa que admiro muito no Haiti é a escola, porque quem sai da escola do Haiti, parece alguém que já fez o Ensino Superior mesmo. A pessoa tem uma capacidade sabe, sabe as coisas. Eu gosto do ensino mesmo da escola do Haiti. E também o uniforme padrão, é muito lindo, uma coisa que me faz sentir muito bem, porque eu usava. É todo mundo padrão e você não podia ir para a escola com o uniforme tudo estragado, tinha que ser tudo bem passadinho, tudo limpinho. Aqui eu não vejo muito, por exemplo, aqui quando a pessoa vai na escola, vai de chinelo, lá no Haiti não pode”.

O que você sente ao ouvir o hino do Haiti?

“Que apesar das dificuldades que os haitianos estão passando no Haiti, eu sinto uma alegria, é um momento de comunhão mesmo”.

O que você sente ao ver a bandeira do Haiti?

“Pra mim, o vermelho foi o sangue que foi derramado, o branco representa a paz, na minha opinião. A bandeira significa tipo uma identidade, uma liberdade que adquirimos através da luta, entendeu?”

Como a mulher haitiana é tratada no seu país? Tem alguma mulher do seu país que você admira?

“Na minha opinião, é igual a todos os países, algumas são tratadas bem, outras que não muito bem, seja pelo marido, pela sociedade, por exemplo, se uma mulher haitiana sai na rua toda desajeitada, já vão falar que o marido não dá dinheiro pra ir no salão. Já vi muito isso, tem homens que são muito mão de vaca com a mulher haitiana, entendeu? Pra mim isso não ta certo”.

Para você qual é o maior herói do Haiti?

“O Dessalinne mesmo, ele porque foi o primeiro povo negro a ser livre, sabe? Envolve tudo isso. Tipo quando você olha pra sua cor, você fala: Eu fui a primeira nação negra a ser livre da escravidão, entendeu? Então acho que foi ele, porque hoje em dia, os negros tem oportunidades, acho que foi através dele, o Dessaline”.

O que você mais gosta no Brasil?

“Dos aniversários”.

Cite três aspectos do Brasil que você mais se identifica.

“Olha, eu gosto dos aniversários, quando faz um aniversário aqui faz com o tema de alguma coisa, olha, vai falar do Huck, ta tudo decorado com o Huck, o povo se pinta de Huck, eu acho muito legal. Tem pula-pula pras crianças, dão tantas coisas pra comer, eu gosto dos aniversários, e comida aqui do Brasil eu gosto do churrasco, só aqui no Brasil que eu vim comer carne assada, lingüiça, essas coisas, eu adoro. Lá no Haiti não faz churrasco, só carne frita. Como mais frutas, como churrasco e lingüiça. Também gosto de pão de queijo. “Se você quer me roubar, me dá pão de queijo.”

Na sua opinião, como a mulher haitiana é tratada no Brasil?

“Eu acho que bem, comigo nunca aconteceu o caso de me tratar mal. Pelo contrário quando eu chego num lugar, eu falo que sou haitiana, falo três línguas, o povo fica “Nossa”, todo mundo quer conversar, sabe? Fica fazendo pergunta. Eu acho que é bem tratada. Tem algumas mulheres haitianas que se adaptam ao sistema, que eu não sei como. Teve uma mulher brasileira que veio perguntar pra mim “Porque que as mulheres haitianas chegam a aqui no Brasil dizendo que quer oportunidade pra melhorar a vida e nem tem três meses no Brasil e já engravidam? E não conseguem trabalhar, entendeu? Não consegue nada. Fiquei com vergonha sem saber

o que responder. Pra mim isso não é uma coisa que é muito boa, por exemplo, se eu saio do meu país pra buscar uma melhor vida, é lógico, que eu preciso trabalhar, né? Pra sustentar minha família lá, pra ter uma instabilidade econômica. Tudo bem que a pessoa pode ter filho, mas primeiro precisa de um planejamento, entendeu? Aí, quando chegam aqui, imediatamente, aquilo da gravidez, ai fala “Ah, no Brasil não tem trabalho, mas, como que alguém vai te dar trabalho no estado em que você está, entendeu? Achei um pouquinho ruim, sabe? Mas não foi ofensivo”.

Transcrição 2 - Laura

O que você mais sente falta no Haiti?

“A minha casa, porque minha casa fica na frente pro mar”.

Cite três aspectos do Haiti que você sente falta?

“As músicas, a minha igreja, minha família também. A sopa do dia 1º de janeiro. Lembro de uma data comemorativa que 24 de dezembro na ceia de natal se faz uma troca de comida entre os vizinhos, o ambiente é muito alegre, tem músicas nas ruas... etc”.

O que você sente ao ouvir o hino do Haiti?

“Representa um grito de vitória. Eles criaram depois que ganharam, né. Pra representar aquilo que eles fizeram, entendeu? Pra mim é um grito de vitória”.

O que você sente ao ver a bandeira do Haiti?

“Alegria. Porque traz alegria mesmo”.

Como a mulher haitiana é tratada no seu país? Tem alguma mulher do seu país que você admira?

“Não tem trabalho. Às vezes tem homem que bate na mulher. A cantora Princesa Eude”.

Para você qual é o maior herói do Haiti?

“Dessalinne. Porque foi o que mais batalha na libertação dos haitianos”.

O que você mais gosta no Brasil?

“Comida: arroz, feijão, é mais ou menos parecido com o do Haiti”.

Cite três aspectos do Brasil que você mais se identifica.

“Das festas, da comida”.

Na sua opinião, como a mulher haitiana é tratada no Brasil?

“verdade, eu nunca ouvi alguma coisa estranha. Não tem problema”.

Transcrição 3 – Betânia**O que você mais sente falta no Haiti?**

“Família, Gonaíve, escola, comida, primeiro de janeiro e 18 de março, meus parentes, meus irmãos, irmãs, minha igreja, passarinhos, flores de casa e toda atividade fazia no Haiti”.

Cite três aspectos do Haiti que você sente falta?

“Festa de 1º de janeiro: a sopa, 18 de maio: dia da bandeira haitiana”.

O que você sente ao ouvir o hino do Haiti?

“Sinto feliz”.

O que você sente ao ver a bandeira do Haiti?

“Uma alegria, tem muito orgulho”.

Como a mulher haitiana é tratada no seu país? Tem alguma mulher do seu país que você admira?

“As mulheres jovens que não trabalham, que se prostituem, elas não são bem vistas pela sociedade. Ela não tem respeito. Mas se as mulheres é casada são bem vista. A cantora evangélica Chantal”.

Para você qual é o maior herói do Haiti?

“Dessalines”.

O que você mais gosta no Brasil?

“Quando a gente compra no supermercado no cartão, a gente paga parcela. Lá no Haiti é só a vista”.

Cite três aspectos do Brasil que você mais se identifica.

“Arroz, feijão, carne, laranja, limão. Me lembra o Haiti”.

Na sua opinião, como a mulher haitiana é tratada no Brasil?

“Igual com os brasileiros, mas não tem trabalho”.

Transcrição 4 – Denise**O que você mais sente falta no Haiti?**

“Da família, do pai, irmã”.

Cite três aspectos do Haiti que você sente falta?

“Sinto falta das festas da bandeira que eles fazem, os amigos, a comida que tem no Haiti e não tem aqui. Lalô: feito com folhas, cenoura, repolho, camarão ou caranguejo”.

O que você sente ao ouvir o hino do Haiti?

“Sinto feliz, orgulhosa, porque é do meu país. Me sinto bem”.

O que você sente ao ver a bandeira do Haiti?

“Sinto orgulhosa, porque sou haitiana, representa a minha bandeira.

Como a mulher haitiana é tratada no seu país? Tem alguma mulher do seu país que você admira?

São tratadas bem. A mulher haitiana é uma mulher com garra, é comerciante, se dão o valor mesmo”.

Para você qual é o maior herói do Haiti?

“Dessalines”.

O que você mais gosta no Brasil?

“Gosto do país. Das festas, de dydyo”.

Cite três aspectos do Brasil que você mais se identifica.

“Gosto das festas, porque toda festa aqui no Brasil tem dydyo”.

Na sua opinião, como a mulher haitiana é tratada no Brasil?

“Ainda não vivenciei uma coisa que é ruim, só que tem algumas mulheres haitianas quando vai buscar trabalho não recebem bem”.

Transcrição 5 – Luiza

O que você mais sente falta no Haiti?

“Dos filhos, dos irmãos, da família inteira”.

Cite três aspectos do Haiti que você sente falta?

“Lalô, um arroz que tem no Haiti, que é delicado. Vende caro. É um arroz gostoso. É diferente do outro arroz que agente costuma comer”.

O que você sente ao ouvir o hino do Haiti?

“Sinto muito feliz, orgulhosa, uma alegria que transborda, porque é o hino do seu país, sinto orgulhosa disso”.

O que você sente ao ver a bandeira do Haiti?

“Sinto bem, porque é a bandeira do meu país, como se a bandeira estivesse no meu coração”.

Como a mulher haitiana é tratada no seu país? Tem alguma mulher do seu país que você admira?

“Tem algumas que são tratadas bem, a mulher haitiana gosta de fazer comércio, buscar o pão de cada dia”.

Para você qual é o maior herói do Haiti?

“Dessalines”.

O que você mais gosta no Brasil?

“Das festas”.

Cite três aspectos do Brasil que você mais se identifica.

“Gosto dos brasileiros que são bem disciplinados. Porque quando eles estão fazendo festa, eles se colocam tudo junto, todo mundo cuida da sua parte, e se eles dizem vamos fazer uma coisa, eles vão até o final. Gosto porque eles compartilham com os haitianos, não tem distinção, são unidos”.

Na sua opinião, como a mulher haitiana é tratada no Brasil?

“Tratam bem, só que quando chega em algum lugar, chamam de haitiana, não tratam mal não”.

Transcrição 6 - Mary**O que você mais sente falta no Haiti?**

“Meu tio, minha tia, minha casa, minha amiga, minha escola, tudo”.

Cite três aspectos do Haiti que você sente falta?

“Festas, comida: lalô: carne com legumes”.

O que você sente ao ouvir o hino do Haiti?

“Sinto muito orgulho”.

O que você sente ao ver a bandeira do Haiti?

“Sinto orgulhosa, quando estão subindo a bandeira lá no país, é uma coisa que você deve respeitar, se você ta comento, deve parar de comer e esperar a bandeira subir. Sinto feliz. A bandeira representa os haitianos, o sangue pela luta independência”.

Como a mulher haitiana é tratada no seu país?

“São tratadas bem”.

Para você qual é o maior herói do Haiti?

“Dessalines, ele lutou para conseguir a independência do Haiti”.

O que você mais gosta no Brasil?

“Da comida. Churrasco”.

Cite três aspectos do Brasil que você mais se identifica.

“Gosto da comida brasileira, as festas”.

Na sua opinião, como a mulher haitiana é tratada no Brasil?

“Na minha opinião, bem”.

ANEXO A — Seleção de imagens da pesquisa de campo

Foto 6: Lembrancinha em homenagem ao dia Internacional da Mulher.
Fonte: Arquivo do MIMCAB.



Foto 7: Foto para registrar o nosso encontro com a palestrante Lorena Medrado. Fonte: Arquivo do MIMCAB



Foto 8: Professora Dra. Marília Lima Pimentel prestigiando as grávidas no Chá de bebê. Fonte: Arquivo do MIMCAB.



Foto 9: Professora Meire Jane e eu, Elisângela, com as grávidas. Fonte: Arquivo do MIMCAB.



Foto 10: Nosso grupo de pesquisa: Professora Dra. Marília, a Cientista Social Maquézia, eu, Elisângela, a aniversariante haitiana, Professora Meire jane e a estudante de Enfermagem e palestrante Lorena Medrado. Fonte: Arquivo do MIMCAB.



Foto 11: Professora Meire jane e eu, Elisângela de Lima, com a aniversariante. Fonte: Arquivo do MIMCAB.

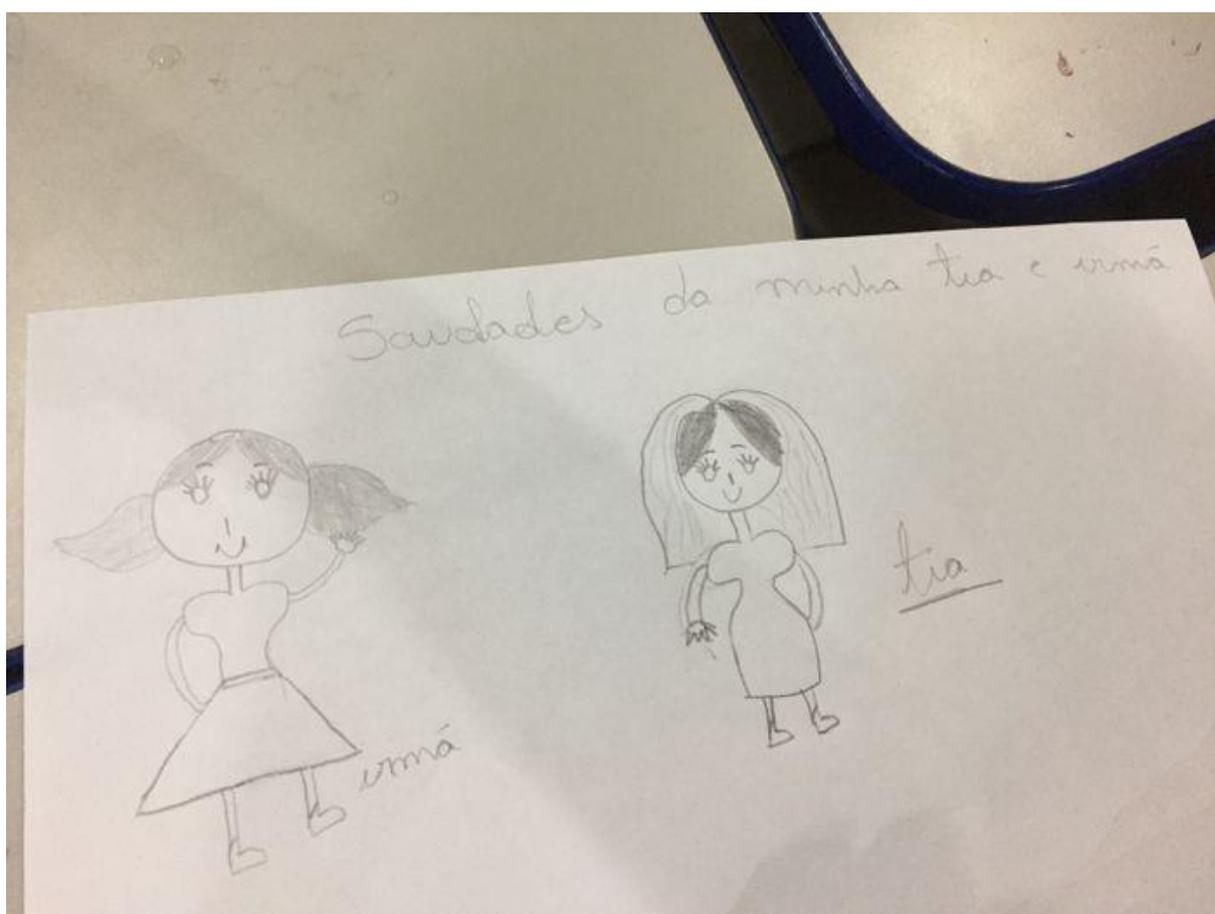


Foto 12: Desenho da Vitória. Fonte: Arquivo do MIMCAB.

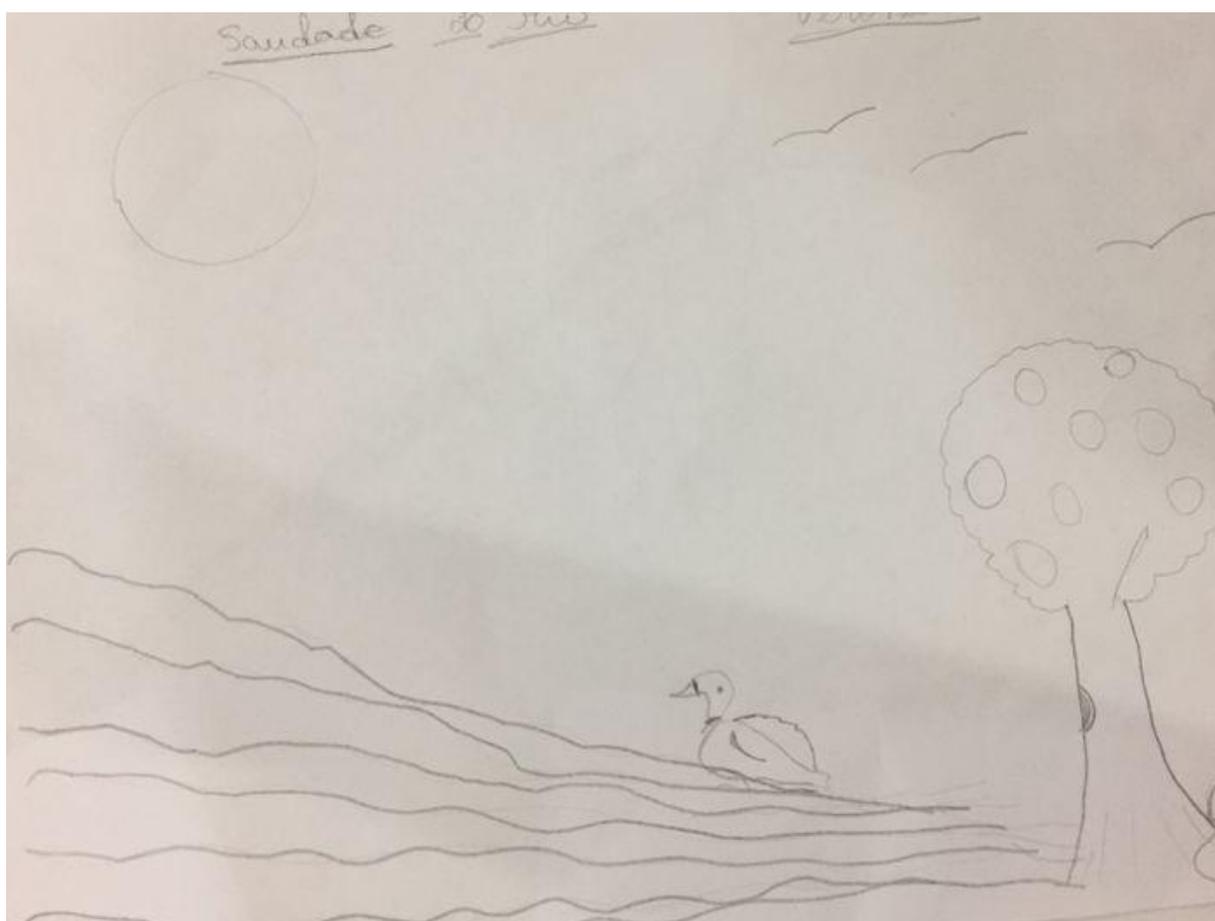


Foto 13: Desenho da Laura. A entrevistada declarou sentir saudades da praia. Fonte: Arquivo do MIMCAB.

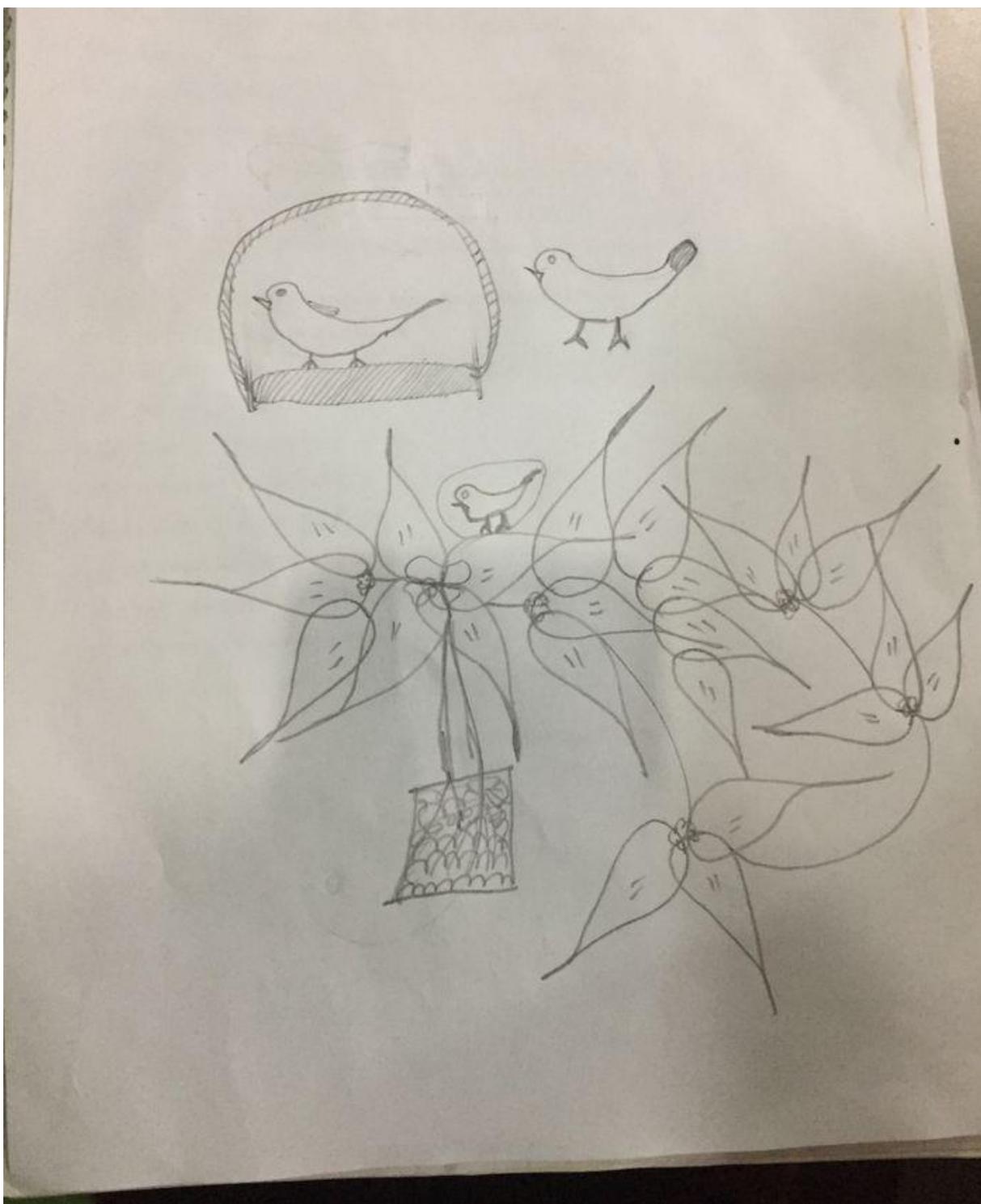


Foto 14: Desenho da Betânia. A entrevistada declarou ter saudades dos pássaros e das flores de seu país.